



FACULDADE DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO E DA SAÚDE – FACES
LETRAS

RONAN SILVA CARDOSO

A QUESTÃO DA METÁFORA NA COMPREENSÃO DE TEXTOS
MITOLÓGICOS:

A IMAGEM DA DEUSA MÃE NA OBRA O PODER DO MITO, DE JOSEPH CAMPBELL.

BRASÍLIA - DF

2012

RONAN SILVA CARDOSO

A QUESTÃO DA METÁFORA NA COMPREENSÃO DE TEXTOS
MITOLÓGICOS:

A IMAGEM DA DEUSA MÃE NA OBRA O PODER DO MITO, DE JOSEPH CAMPBELL.

Monografia apresentada como requisito parcial para a conclusão do Curso de Licenciatura em Letras pela Faculdade de Ciências da Educação e Saúde - FACES - do Centro Universitário de Brasília - UniCEUB -, tendo como orientadora a prof^a. Dra. Ana Luiza Montalvão Maia.

BRASÍLIA – DF

2012

RONAN SILVA CARDOSO

A QUESTÃO DA METÁFORA NA COMPREENSÃO DE TEXTOS
MITOLÓGICOS:
A IMAGEM DA DEUSA MÃE.

Monografia apresentada como requisito parcial para a conclusão do Curso de Licenciatura em Letras pela Faculdade de Ciências da Educação e Saúde - FACES - do Centro Universitário de Brasília - UniCEUB -, tendo como orientadora a prof^a. Dra. Ana Luiza Montalvão Maia.

FOLHA DE APROVAÇÃO

Aprovada em ___/___/___.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a. Dra. Ana Luiza Montalvão Maia – Orientadora

Prof.^a. Dra. Maria Eneida Rosa – UniCEUB

Prof.^a. Ms. Ana Regina Salviano – UniCEUB

BRASÍLIA - DF

2012

Dedico este trabalho, em primeiro lugar, à minha mãe, Silvani Alves da Silva, por todo o seu apoio, dedicação e amor incondicionais; por ter acreditado sempre no meu trabalho e por ter sido minha primeira e mais importante mestra e professora. Dedico, também, a todos os meus outros mestres, queridos professores, sem os quais não teria adquirido gosto pelo saber. Em especial, à professora Ana Luiza Montalvão Maia, dedico esta, que foi uma bem recebida proposta, por sua amizade e sua magna orientação; me inspira a séria e ao mesmo tempo gentil forma com que consegue ensinar. Ademais, a todos aqueles que amam o conhecimento, é dedicada esta obra.

Agradeço à minha amada, Sophia Dornellas, pela paciência e carinho, apoio e fundamentais contribuições a este trabalho. Aos meus amigos, por nossas longas e enriquecedoras conversas: o psicólogo Jayme Pinheiro Rabelo; o filósofo Rafael Alves Reis, que me levou a conhecer o trabalho de Joseph Campbell; o bardo Raphael Valadares Alves; o menestrel Rodrigo Otávio Lucas Pinheiro; o poeta Vinícius Ferreira de Moraes. Muito sou grato por sua amizade e contribuições para a presente pesquisa. Agradeço, ainda, à minha querida mãe, que sempre me incentivou a ler e me presenteou com os livros “O Poder do Mito” e “O Herói de Mil Faces”, ambos de Joseph Campbell, os quais me inspiraram a realizar esta monografia. Fica registrada minha profunda gratidão a Joseph Campbell, por todo o valioso tesouro que deixou com seus escritos. Sem mais, muito agradeço a todos aqueles que comigo coexistem, sem os quais não seria eu quem sou.

Quando a Terra é avistada da Lua, não são visíveis, nela, as divisões em nações ou estados. Isso pode ser, de fato, o símbolo da mitologia futura. Essa é a nação que iremos celebrar, essas são as pessoas às quais nos uniremos. (Joseph Campbell)

RESUMO

A questão da interpretação textual no ensino da língua é um grande desafio. O hodierno cenário mundial globalizado exige do indivíduo que aperfeiçoe suas habilidades e conhecimentos para uma experiência mais rica das possibilidades oferecidas pela sociedade. Esta monografia se destina a contribuir para a formação crítica do leitor-estudante. Tomando por base as pesquisas de Joseph Campbell acerca da temática da “Deusa Mãe”, recorrente em diversas tradições mitológicas, o estudo das metáforas, ou ainda, analogias, presentes em textos míticos analisados por Campbell, aproxima-se da Filosofia, da Antropologia e da História. De grande valor cultural, o objeto de estudo deste trabalho é também um instigante convite à reflexão, sobretudo por evocar a questão das relações entre o homem e a natureza – o corpo da Deusa. A temática foi desenvolvida em aulas de interpretação textual com alunos do 2º ano do Ensino Médio, tendo sido bem recebida e obtido resultados interessantes e promissores, dado o grande interesse que despertou nos estudantes.

Palavras-chave: deusa mãe_metáfora_interpretação textual.

ABSTRACT

The problem of reading, in language teaching, is a big challenge. Today's globalized world scenario requires individuals to refine their abilities and knowledge for a greater experience of the possibilities offered by society. This monograph is intended to contribute for the critical reader-students formation. Based on the research of Joseph Campbell on the theme of "Mother Goddess", recurring on various mythological traditions, the study of metaphors, or even analogies present in mythical texts analyzed by Campbell, approaches from Philosophy, Anthropology and History. Of great cultural value, the object of the present study is also a provocative invitation to reflection, especially by raising the issue of relations between man and nature - the Goddess body. The theme was developed in textual interpretation classes with students of 2nd year of high school and was well received. Interesting and promising results was obtained, given the great interest aroused in the students.

Keywords: mother goddess_metaphor_textual interpretation.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
CAPÍTULO 1 - LEITURA E CONHECIMENTO.....	15
CAPÍTULO 2 - A METÁFORA DA DEUSA MÃE.....	25
CAPÍTULO 3 - PLANO DE AULA.....	31
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	37
ANEXOS.....	39
REFERÊNCIAS.....	62

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa procura evidenciar como o estudo comparado de metáforas, mais especificamente as que se apresentam em textos mitológicos nos quais o tema comum é o “Sagrado Feminino”, ou ainda, o mito da “Grande Mãe”, fornece elementos decisivos para a compreensão das analogias, correlações entre as mensagens e suas significações, analisadas no capítulo ‘A dádiva da Deusa’, na obra O Poder do Mito (CAMPBELL, Joseph, 1990). A imagem da mãe nos mitos em que aparece a Deusa convida o ser a pensar sobre a própria origem. É uma imagem simbólica; com efeito, através de analogias, ou ainda, metáforas, por convenção estabelecem-se relações entre símbolos e campos de ideias. Especificamente os mitos, atuam como pistas que servem para guiar o ser humano no percurso da vida. A cultura, viva, antiga, expressão criativa da organização de um grupo, como conjunto de hábitos e valores preservados e afirmados por cada experiência individual, ainda que em perene transformação ocorra a realidade desta coexistência, revela, em sua estrutura, ideias fundamentais, como reflexos de campos de experiência comuns aos seres humanos. De tal modo, depositam-se por sobre os símbolos as informações-chave da sabedoria de um grupo, conferindo aos textos míticos o poder de conduzirem, como mapas, ao entendimento do que é a experiência humana no mundo.

Numa sociedade cujo ambiente é globalizado faz-se impreterível expandir o antigo paradigma de saber apenas o que se vive dentro dos limites do hábito imediato, da pátria imediata, vez que somos convocados a trocar cada vez mais informações, ou experiências. Trocas estas aceleradas pelos mecanismos tecnológicos em constante e exponencial processo de evolução, tais como internet, smartphones etc, que são recursos expansores da semiose sócio interativa, ou seja, multiplicam e aceleram as possibilidades de relações entre os cidadãos da aldeia global. Para uma atuação eficiente, dentro do que é a expectativa da plena consciência cidadã neste contexto mundial ora descrito, é mister a compreensão da evolução histórica do pensamento humano na esfera social, bem como o reconhecimento dos símbolos que representam estes pensamentos nas raízes da

formação cultural. Uma vez compreendido o mecanismo que está por trás dos paradigmas análogos dos mitos, tornam-se claras as relações entre espiritualidade, ciência e a vida cotidiana, manifestando-se em diferentes graus de complexidade nas histórias mitológicas.

Ensinar a interpretar textos é uma arte que exige do profissional educador estratégias das mais criativas. Relacionar campos de ideias e aprender a sistematizar o conhecimento é um complexo exercício, e o aluno necessita de auxílio em sua realização. É urgente a necessidade de um entendimento holístico, ou ainda, interdisciplinar, do desenvolvimento epistemológico humano, por parte dos educandos. Por esta razão, faz-se fundamental estimular a prática da interpretação crítica de textos e, para tanto, faremos uso de mitologias comparadas, em um estudo sobre metáforas e a relação que estabelecem com a condição, ou seja, a experiência humana no mundo. Espera-se que, através de aulas expositivas, com uso de imagens e textos, seja possível provocar os alunos para que reflitam criticamente acerca das relações analisadas, os pontos comuns entre as diferentes tradições mitológicas e suas analogias com a cultura humana. Branca Falabella Fabrício (Moita Lopes, 2006) alerta que:

Está ocorrendo na produção do conhecimento a compreensão de que uma única disciplina ou área de investigação não pode dar conta de um mundo fluido e globalizado para alguns, localizado para outros, e contingente, complexo e contraditório para todos. Gruzinski (2001) argumenta em favor de “ciências ‘nômades’ preparadas para circular do folclore à antropologia, da comunicação à história da arte” para contemplar tal mundo.

Ademais, ante ao exposto, pretende-se cumprir o que se espera da prática do ensino da linguagem, como consta nos PCN:

- “Reconhecer diferentes formas de tratar uma informação na comparação de textos que tratam do mesmo tema, em função das condições em que ele foi produzido”.

- “Dessa perspectiva, a língua é um sistema de signos histórico e social que possibilita ao homem significar o mundo e a realidade. Assim, aprendê-la é aprender não só as palavras, mas também os seus significados culturais e, com eles, os modos pelos quais as pessoas do seu meio social entendem e interpretam a realidade e a si mesmas”.

O objeto de estudo desta monografia é o capítulo “A dádiva da Deusa”, da obra “O Poder do Mito”, onde Joseph Campbell, autoridade em mitologia comparada, entrevistado pelo jornalista Bill Moyers, expõe uma sorte de conhecimentos, verdadeiras revelações, frutos de anos de pesquisa e cujo conteúdo leva à compreensão da importância que possuem os mitos na formação da sociedade humana. Por meio da análise do capítulo supracitado, espera-se ser possível sintetizar as explicações de tal forma que seja suficiente como ferramenta para a compreensão da mensagem que acompanha a simbologia da Deusa Mãe numa prática educacional na qual o foco é a interpretação textual.

O primeiro capítulo deste trabalho destina-se a um breve histórico do que é a prática da leitura, bem como da importância que possui a instrumentalização do educando, no sentido de que a formação cultural enriquece a experiência da significação, a própria relação com o mundo. Nesse sentido, diversas teorias contribuem de forma a construir a noção de que quanto melhor puder o indivíduo munir-se de informação acerca das analogias referentes às metáforas mitológicas, além de tornar mais apurada sua interpretação, mais capacitado estará a compreender a valiosa mensagem contida nos símbolos, assim, na realização da afirmação de sua identidade, também servirão como pistas para a autodescoberta; este é o poder do mito.

No segundo capítulo o objeto de estudo é analisado. Com uma síntese organizada da essência dos temas pertinentes abordados, a imagem da Deusa Mãe será desvendada, contextualizada sua origem e quase desaparecimento histórico. As temáticas do parto virginal e do caráter das culturas matriarcais em contraste com o das patriarcais também serão abordadas.

O plano de aula, ou o terceiro capítulo, contém a estruturação em aulas do tema da imagem da deusa, trabalhado no projeto social aplicado durante a disciplina

de Estágio Supervisionado, cuja recepção por parte dos alunos foi bastante empolgante, tendo rendido muita reflexão e bons debates. Para avaliar a habilidade de interpretação e síntese nas turmas, foi realizada uma atividade de fichamento, com excelentes resultados obtidos.

O estudo comparativo dos símbolos, tendo como condução a mente brilhante do professor Campbell, revela ser altamente promissor enquanto atividade de ensino. Além das interessantes explicações que nos oferece a leitura da obra de Joseph Campbell, passeando pela Filosofia, Psicologia, Antropologia e outras disciplinas, o estudo do poder que possuem as metáforas na construção do conhecimento também motiva esta pesquisa. Espera-se que o presente trabalho possa servir, sobretudo, como uma leitura envolvente e inspiradora.

CAPÍTULO 1

LEITURA E CONHECIMENTO

Dentre as grandes proezas realizadas pela criativa humanidade, no decorrer do amadurecimento das sociedades, destaca-se, indubitavelmente, o advento da escrita. A representação de ideias, reduzidas a signos¹, é uma atividade antiga. Estudos indicam que, ainda no período paleolítico, os homens já marcavam as paredes das cavernas, com a intenção de representar os objetos de seu universo de relações com a natureza e consigo mesmos². Todavia a organização sistêmica dos símbolos³ em uma língua, representada pela linguagem escrita, é um evento mais recente.

Acredita-se que teria surgido por volta de 4.000 a.C. na Mesopotâmia a escrita cuneiforme e, no Egito, simultaneamente, a escrita hieroglífica, a princípio com a função de representar ideias e alguns sons, sendo restrito seu uso a classes de sacerdotes e políticos⁴. Tornando-se, no decorrer dos séculos, cada vez mais complexa, além de lentamente popularizar-se, a escrita alcançou maior grau de sofisticação depois que os romanos, influenciados em seus muitos contatos com outros povos, deram aos sinais gráficos – é interessante acrescentar que o alfabeto romano consistia apenas de letras maiúsculas até então – as formas que perdurariam até a Idade Média.

Por volta do final do século VIII, Alcuíno⁵, um monge inglês, elaborou outro estilo de alfabeto, atendendo ao pedido do imperador Carlos Magno, numa tentativa de reerguimento da cultura ocidental. Este novo estilo possuía letras maiúsculas e minúsculas. Com o passar do tempo, esta forma de escrita também sofreu modificações, tornando-se complicada para leitura. Contudo, no século XV, alguns eruditos italianos, incomodados com este estilo complexo, criaram um novo estilo de escrita. No ano de 1522, na Itália, Lodovico Arrighi foi o responsável pela publicação

¹ Signo é um mediador no processo de significação, sua propriedade é estabelecer relações entre diferentes campos de ideias relacionados (Ver: PEIRCE, Charles Sanders. **Semiótica**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2000, p. 46).

² DAMPIER, Sir William Cecil. **História da Ciência**, 2.ed. São Paulo: IBRASA, 1986, p. 4-6.

³ Sob a perspectiva semiótica, símbolos são signos na medida em que representam algo por convenção (Ibid. P. 71).

⁴ BOWMAN, Alan K. & WOOLF, Greg. **Cultura Escrita e Poder no Mundo Antigo**. São Paulo: ÁTICA, 1998, *passim*.

⁵ Alcuíno de York (735 – 804) foi um monge inglês beneditino, poeta, professor e sacerdote católico, precursor da escolástica. Trabalhou com Carlos Magno para uma reforma cultural na França.

do primeiro caderno de caligrafia. Foi ele quem deu origem ao estilo que hoje se denomina itálico.

Muito embora a escrita tenha se transformado ao longo dos séculos em diversos aspectos, em essência permanece tendo a mesma funcionalidade: conduzir a campos de ideias específicos os pensamentos daqueles que conhecem o código das relações que estabelece uma palavra (signo) com aquilo a que esta faz referência. Assim, possibilitou ao homem armazenar informação de forma que o que antes era privilégio da linguagem verbal, imediata, estendeu-se às gerações futuras, enquanto registros, o que possibilitou grandes saltos de conhecimento em termos científicos e artísticos, por exemplo, e dos quais desfrutamos ampla variedade hoje.

Quanto ao desenvolvimento histórico da atividade da leitura, sabe-se que era popular no fim do Império Romano, sendo amplamente difundida entre as diversas classes sociais, através dos papiros. Até mesmo escravos liam. Havia bibliotecas públicas e veículos de informações populares. Com a invenção do códice (forma de livro como se conhece hoje), atribuída à Igreja Católica, muito mais informação poderia ser guardada e menos espaço ocupado, o que provocava, por sua vez, o surgimento de imensas obras, que aglutinavam volumes e mais volumes de informações sistematicamente, difíceis de serem carregadas; ao contrário dos facilmente manuseáveis, mas numerosos papiros. Graças a esta nova situação, dentre outros eventos históricos nos quais não se pretende aprofundar aqui, a população medieval, em geral, perdeu, por longos anos, grande parte da prática de escrita e leitura que teve um dia aquela romana⁶.

De toda forma, cada vez mais elaborado seguiu o desenvolver do pensamento estruturado. A informação codificada serviu para que, no salto do pai para o filho, ou melhor, entre gerações, não se perdessem os conhecimentos acumulados na mesma medida em que fosse possível representá-los, cabendo ao intérprete possuir meios de interpretá-los corretamente. Assim, uma vez capaz de compreender tais registros, o homem pode em menos tempo desenvolver avanços, como o aprimoramento de técnicas, ferramentas, conceitos *et cætera*.

⁶ BOWMAN, Alan K. & WOOLF, Greg. **Cultura Escrita e Poder no Mundo Antigo**. São Paulo: ÁTICA, 1998, p. 104-180.

Hodiernamente, a cultura e a sociedade, de um modo geral muito mais complexas⁷ que aquelas medievais, possuem outro grau de relação com a linguagem. Exige-se do indivíduo que, para exercer seus plenos direitos de cidadão, tenha conhecimentos e habilidades linguísticas suficientes, dentro de um ideal no qual ler e escrever sejam atividades indispensáveis para usufruir das possibilidades de experiência do mundo contemporâneo. Por ser uma eficaz ferramenta na difusão do conhecimento, a leitura, muito embora seja ainda um hercúleo desafio para parte considerável da população humana, dadas, dentre outras causas, as incongruências que o arranjo social, em perene amadurecimento, apresenta, se faz imprescindível no âmbito escolar, acadêmico. O indivíduo necessita estar capacitado a reconhecer as referências às quais fazem as palavras, e a organizar as informações capturadas de forma a ter domínio sobre a interpretação.

A observação, por exemplo, dos desenvolvimentos tecnológicos da humanidade através dos últimos séculos, torna evidente o potencial advindo da prática da leitura, da interpretação. Não seria prudente alienar, contudo, os desafios que nascem a partir da necessidade desta habilidade. Na obra *A Árvore do Conhecimento*⁸, o professor chileno Humberto Maturana, ao analisar criticamente a experiência da aprendizagem, assinala que:

Toda reflexão, inclusive a reflexão sobre fundamentos do conhecer humano, se dá necessariamente na linguagem, que é nossa forma particular de sermos humanos e estarmos no fazer humano. Por esse motivo, a linguagem também é nosso ponto de partida, nosso instrumento cognitivo e nosso problema.

Com a finalidade de ilustrar tais observações, pode-se arriscar elaborar uma metáfora na qual nossa espécie, no decorrer de sua linha histórica – a dinâmica de sua trajetória existencial –, enquanto organismo que, ao se alimentar dos elementos presentes em seu meio-ambiente, constrói uma identidade⁹ por meio da organização

⁷ Refere-se ao conceito de complexidade de informação sugerido por C. Shannon (1975), onde quanto maior a complexidade, maior a quantidade de informações a serem transmitidas.

⁸ Maturana Humberto & Varela, Francisco. *A Árvore do Conhecimento*: as bases biológicas do entendimento humano. São Paulo: Editorial Psy II, 1995, p. 69, 89, 92.

⁹ Identidade, neste contexto, seria a apresentação, por parte de uma unidade autopoietica, de um arranjo original, subjetivo, que é a autocriação do ser. Busca-se aproximar do entendimento do biólogo e filósofo estoniano Jacob Von Uexkull, acerca da teoria do Umwelt, ou “mundo próprio”, na qual afirma-se que todo ser vivo, dado seu aparelho cognitivo, constrói para si um arranjo da experiência de sua existência, particular e inacessível aos demais seres.

sistêmica dos diferentes graus¹⁰ de manifestação das informações percebidas pela atenção que se fragmenta nos sentidos, seria um ponto. O ponto representaria uma essência, a essência da identidade 'humano', manifestando-se nos indivíduos da espécie¹¹; este ponto possui algo semelhante a uma força gravitacional, pois, ao redor dele, orbitam informações, ele as reconhece (as que pode reconhecer) conforme suas capacidades, e as filtra, organiza-as, para compor seu corpo existencial, o corpo através do qual vai dialogar com a existência seja fisicamente, seja psicicamente.

Quando se lê o mundo, como quando se tem de escolher, por exemplo, uma dentre várias opções: de alimentos, de companhias, de atitudes etc.; se está sempre diante de uma situação de interpretação. Algo semelhante ao que entende-se por uma decisão, por meio da matéria do corpo em suas atividades orgânicas, faz-se orientação para a direção da autopoiese¹² do ser, emanando da imaginação aos hábitos enrijecidos da personalidade ou do comportamento. Ou seja, quando é absorvida a energia do meio, alimenta-se um mecanismo que já está pronto para acontecer: a autocriação, a expressão do ser em um corpo. O corpo é um conjunto em unidade, um sistema cuja essência, no caso da espécie humana, é a experimentação da existência por meio da imaginação, ou, como destaca o professor doutor Arthur Araújo, ao relacionar conceitos de etologia cognitiva e filosofia da mente, em seu artigo *Qualia e Umwelt*¹³:

(...) no ponto de vista de von Uexkull, a ideia é que, entre diferentes organismos, a significação é uma propriedade biológica fundamental: seres vivos são sistemas semióticos (UEXKULL, 2004, p.46) e têm uma função essencial no seu comportamento que é a atividade de "significar" e "agir" no meio.

¹⁰ Analogia referente à água. Conforme for aumentada ou diminuída em graus a temperatura, muda o comportamento da água. Graus de manifestação da informação seriam relativos às diferentes apresentações da energia de que se utilizam todos os fenômenos existentes, seja matéria bruta ou pensamento.

¹¹ SCHOPENHAUER, Arthur. **Da Morte/Metafísica do Amor/Sufrimento do Mundo**. Trad. Pietro Nasseti. São Paulo: Martin Claret, 2007, p. 21-76.

¹² O termo autopoiese, do grego *auto* próprio e *poiesis* criação, surgiu nos anos 70, cunhado pelos biólogos Humberto Maturana e Francisco Varela. Um ser vivo, segundo esta teoria, é um sistema autopoietico, caracterizado como uma rede fechada de produções moleculares (processos), onde as moléculas produzidas geram com suas interações a mesma rede de moléculas que as produziu. A conservação da autopoiese e da adaptação de um ser vivo ao seu meio são condições sistêmicas para a vida. Portanto um sistema vivo, como sistema autônomo, está constantemente se reproduzindo, autorregulando, e sempre mantendo interações com o meio, onde este apenas desencadeia no ser vivo mudanças determinadas em sua própria estrutura, e não por um agente externo (MATURANA, Humberto e VARELA, Francisco. **De Máquinas e Seres Vivos: Autopoiese, a Organização do Vivo**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997, *passim*).

¹³ Ver. *Filos.*, Aurora, Curitiba, jan./jun. 2010, v. 22, n. 30, p. 41-68.

Tudo que o corpo humano faz é para que seja mantido o fenômeno do pensar¹⁴, de experimentar o mundo e todas as informações existentes (e possíveis de serem percebidas por suas capacidades), e organizá-las para que se tornem um corpo, uma personalidade. Uma vez que sejam obtidas as ferramentas, ou seja, neste caso, conhecimentos que permitam ao ser, conforme suas habilidades, reconhecer novas informações e utilizá-las, há de sofisticar-se a própria essência do humano potencial.

É preciso, não obstante, atentar para o que o filósofo Arthur Schopenhauer explica na obra “A Arte de Escrever”, pois que, no ato da leitura, se alguém descuidadamente se priva de uma crítica apurada, destarte permitindo serem conduzidos, sem sua regência, em demasia seus pensamentos, tenderá a abrir mão de sua própria característica fundamental: a liberdade de produzir uma ideia¹⁵. Sob este prisma, o presente estudo das metáforas existentes nos mitos analisados por Campbell, visa contribuir para a instrumentalização (no sentido de oferecer informação como ferramenta para desenvolver o senso crítico e a capacidade de interpretação) do educando.

Mas o que são metáforas? Metáforas são recursos fundamentais na linguagem literária, bem como na vasta utilização que se faz delas no dia-a-dia. São representações nas quais não se evidencia o termo comparativo, nem o termo comparado¹⁶. De fato, a metáfora é uma substituição simbólica, através da qual somente efetiva-se a comunicação se o interpretante puder reconhecer os elementos associados à representação. Uma obra de arte, como um quadro ou uma música; um conceito físico, como “buraco de minhoca”¹⁷; expressões populares como “ela é um doce de pessoa”: são metáforas. Melhor dizendo, quando temos uma representação, uma associação na qual um aspecto qualquer de um objeto de interpretação, por convenção, equivale a outra representação, conectando assim

¹⁴ Entende-se que o comportamento do aparelho humano revela sua função. Por meio da percepção e imaginação, é na relação sujeito-mundo que se dá a ênfase das capacidades criativas da mente, ou seja, é para isto que está pronto o corpo, o veículo da existência.

¹⁵ SCHOPENHAUER, Arthur (1788, 1860). **A Arte de Escrever**. Porto Alegre: L&PM Pocket, 2009, p. 19.

¹⁶ CAMPEDELLI, Samira Yousseff. **Literatura, História e Texto**; São Paulo: Saraiva, 1999.

¹⁷ Na Física, buraco de minhoca é uma característica topológica hipotética do continuum espaço-tempo, a qual é, em essência, um "atalho" através do espaço e do tempo. O nome vem de uma analogia usada para explicar o fenômeno. Da mesma forma que um verme que perambula pela casca de uma maçã poderia pegar um atalho para o lado oposto da casca da fruta abrindo caminho através do miolo, em vez de mover-se por toda a superfície até lá, um viajante que passasse por um buraco de verme pegaria um atalho para o lado oposto do universo através de um túnel topologicamente incomum. (http://pt.wikipedia.org/wiki/Buraco_de_minhoca)

dois signos diferentes, aí temos uma metáfora. Vale acrescentar, neste ponto, que os conceitos de signo e metáfora se aproximam na medida em que signo é a ponte, um mediador entre um objeto de apreciação e o efeito que este produz (no caso do ser humano), a comunicação. Com efeito, para elucidar os processos relativos à compreensão da metáfora em seu processo de significação, esta pesquisa toma por referência a teoria semiótica pragmaticista norte-americana. A abordagem semiótica se faz necessária a partir do momento em que nos traz a compreensão do signo como mediador no processo da percepção, onde um objeto dinâmico, como o texto, tornando-se objeto imediato para nossa mente, estabelece relações entre sistemas de campos de ideias e, assim, propicia a dialética interpretativa. A dialética, por sua vez, nos permite elaborar uma compreensão através de sentenças lógicas, desta forma, podemos desenvolver nossos conhecimentos. Nossa pesquisa é um signo que, absorvido, fornecerá informações que atuam de forma a conduzir a níveis mais elaborados do entendimento acerca de metáforas e a importância que estas possuem na transmissão de conhecimentos complexos como os mitológicos. Com este método, esperamos instigar as mentes dos jovens estudantes do ensino médio, para reforçar o hábito do pensar criticamente acerca de leituras e interpretações, além de cultura.

Charles Sanders Peirce, filósofo americano, elaborou, entre o final do séc. XIX e início do séc. XX, uma teoria que chamou de semiótica¹⁸, a ciência dos signos. O objeto de estudo da semiótica é o processo da semiose, a significação, a representação. Não são numerosas as considerações de Peirce acerca de metáforas, entretanto, como referência de apoio às investigações teóricas sobre o tema deste trabalho, é interessante recorrer a alguns de seus conceitos, como, p.e., iconicidade¹⁹. Sob a perspectiva semiótica, pode-se dividir o ato de significação em três etapas, onde há uma primeiridade, uma secundidade e uma terceiridade. Como

¹⁸ do grego σημειωτικός (sēmeiōtikos) literalmente "a ótica dos sinais".

¹⁹ Abel Reis (Cadernos de Semiótica Aplicada Vol. 4.n.2, PUC. São Paulo, dezembro de 2006), esclarece que Peirce distingue "duas dimensões na Iconicidade: de um lado, a dimensão de possibilidade – o Ícone Puro – e de outro, a dimensão de existência – o Signo Icônico (ou Hipoícone). Ícone puro é sempre uma expressão de qualidade de semelhança, despida de informação factual, positiva (PIERCE, 1931-1958, v. 4, p. 447). A concretização dessa possibilidade em um existente é que nos dá um signo icônico, que se define assim em razão da predominância do efeito iconizante proporcionado pelo ícone puro. Ao signo icônico, cabe o papel semiótico de, por similitude total ou parcial com seu objeto, "duplicá-lo" logicamente, tornando-o acessível ao Interpretante (RANSDELL, 1997b). Tome-se como exemplo o arranjo de linhas e grafismos que dão forma (como ícone puro, quali-signo) a um mapa de ruas (como signo icônico, sinsigno), tornando-o assim reconhecível (e útil) para um motorista de táxi".

primeiridade, tem-se uma etapa que diz respeito a, na percepção de um objeto, a captura, por parte da mente, dentre as informações que chegam, de uma qualidade fenomenológica qualquer. Na esfera da secundidade se dá choque entre qualidades, estética confrontada, o que gera reação e, conseqüentemente, uma interpretação, produzindo, desta forma, um fundamento, que é uma conexão, uma ponte entre informações que passarão a ser compreendidas graças às relações que podem ser feitas entre os elementos das partes que compõem aquilo que é percebido. Terceiridade é, por fim, o âmbito do *continuum* lógico onde as elaborações interpretativas são sentenças lógicas resultantes das percepções absorvidas, imbricadas, e da dialética advinda do cruzamento das diversas possibilidades que as orbitam, fenômeno este natural à mente cognitiva humana, no organizar das ideias. Metáforas são, no contexto desta tricotomia, signos cujo efeito é a terceiridade, uma vez que representam aquilo que representa, desdobrando sobre o interpretante ideias que remetem a outras ideias. Vejamos, agora, o que Peirce nos diz acerca do signo icônico, ou hipoícone²⁰:

Os hipoícones, *grosso modo*, podem ser divididos de acordo com o modo de Primeiridade de que participam. Os que participam das qualidades simples, ou Primeira Primeiridade, são *imagens*; os que representam as relações, principalmente as diáticas, ou as que são assim consideradas, das partes de uma coisa através de relações análogas em suas próprias partes, são *diagramas*; os que representam o caráter representativo de um representâmen através da representação de um paralelismo com alguma outra coisa, são *metáforas*.

A título de exemplificação, há num templo egípcio uma imagem da deusa Nut cujo corpo é o próprio universo. Poder-se-ia acreditar literalmente que há mesmo uma imensa figura feminina sustentando as esferas celestes, engolindo e dando nascimento ao sol, todos os dias, como ilustra a metáfora desenhada no templo. Contudo, seria uma leitura errônea do mito. Campbell ressalta que a imagem do Sagrado Feminino deveras representa o espaço e o tempo, a mãe de todas as formas sensíveis²¹. Nesse sentido, as metáforas míticas surgem como signos icônicos que apontam, em nível de terceiridade, para representações da sabedoria advinda da experiência de estar vivo, contadas figurativamente, transcendendo,

²⁰ PEIRCE, Charles Sanders. **Semiótica**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2000, p. 64.

assim, os limites impostos pela definição objetiva, tornando o subjetivo a mola mestra do processo de significação mitológico. O discurso mitológico é uma organização de símbolos cuja natureza, representativa, estabelece necessariamente relações de significado com outras mensagens, de cunho educativo, ontológico, metafísico, por meio das quais várias sociedades deixaram registrada sua sabedoria acumulada. No entendimento de Campbell, mitos são pistas para as potencialidades espirituais da vida humana e o estudo comparativo das mitologias nos ajuda a compreender o presente cenário social e a nós mesmos.

Indispensável se faz mencionar o quão significativa e infeliz é a ausência de um conhecimento sistemático no qual as redes cujos nós ligam as analogias metafóricas sejam esclarecidas. A fim de que seja efetivamente reconhecida a mensagem contida na representação mitológica, faz-se necessário possuir certas informações-chave, ou o código pode não ser interpretado ou, ainda, interpretado fora daquilo que pretende significar. Assim, não é efetivo, não produz o efeito esperado, uma metáfora cujas referências a símbolos sejam desconhecidas pelo receptor da mensagem. Num aspecto de terceiridade, mitos de culturas distintas possuem “leis de organização” comuns e, carregados de informações do contexto vivenciado por quem os elabora, representam em suas estruturas certas características que se referem a atributos essenciais da condição humana. Conhecer estas referências é a única forma de obter um ponto de vista amplo, holístico, acerca das proximidades não apenas das histórias em sua apresentação, mas também do que possuem de valor e que podemos aproveitar em práticas educativas, tendo como foco uma melhor compreensão do universo humano.

É oportuno mencionar aqui o artigo do professor Lindemberg Medeiros de Araújo²², onde explana acerca de conhecimento, movimento e autopoiese (p. 6):

“Com efeito, se fazemos parte do mundo, vale dizer, da vida, é plausível nos colocarmos no posto de observadores e com a nossa experiência sensível propormo-nos a explicar o mundo tal qual o conhecemos, o que nos leva a um agir conforme experienciamos e representamos esse mesmo mundo”.

²¹ CAMPBELL, Joseph. **O Poder do Mito**. São Paulo: Editora Palas Athena, 1990, p. 177.

²² Lindemberg Medeiros de Araújo, “Teoria do Conhecimento em Maturana e Varela- Movimento, Realidade e Autopoiese.” Pesquisa realizada no site: http://www.prac.ufpb.br/copac/extelar/producao_academica/artigos/pa_a_movimento_realidade_e_autopoiese.pdf, acessado em 21/03/2012.

Conforme se aprimora a capacidade de ler a realidade, o indivíduo torna-se apto a aproveitar o melhor potencial possível de sua manifestação enquanto ser sensível e criativo. Afirmar uma identidade mediante a organização das informações que compõem seu universo existencial e que são foco da percepção, sob a orientação da personalidade, de forma que por meio das relações interpessoais possa se dar a realidade oriunda dos contrastes entre as coexistências, este é o fundamento para a experiência humana.

Assim, no desenvolvimento do atual panorama educacional brasileiro, ocorre ser fundamental que os alunos possam estabelecer tais pontos de relação entre um e outro texto simbólico, a fim de que não deixem de experimentar a riqueza intelectual que advém desta prática para uma perene sofisticação do ato cognitivo enquanto um processo essencial e de acordo com as hodiernas exigências do mundo globalizado.

Relacionar informações e aprender a sistematizar o conhecimento é uma tarefa árdua, e o aluno necessita de auxílio na realização desta missão. Em virtude da necessidade crescente de um entendimento holístico, ou ainda, interdisciplinar, do desenvolvimento epistemológico humano, torna-se fundamental estimular a prática da interpretação crítica de textos e, para tanto, o uso de mitologias comparadas, em um estudo sobre metáforas e a relação que estabelecem com a condição, ou seja, a experiência humana no mundo, se faz eficiente. Acredita-se que a temática atrai o público juvenil, por levantar questões polêmicas, em consonância com os próprios processos complexos pelos quais passam os estudantes. Mais especificamente, será analisado o capítulo “A dádiva da Deusa” da obra “O Poder do Mito” (Palas Athena, 1990) no qual Joseph Campbell fala a respeito da presença da imagem da mãe e da mulher nas mitologias de algumas religiões tais como cristianismo, hinduísmo e budismo, além de citar textos de mitos egípcios, gregos e da mesopotâmia, apontando as semelhanças e divergências entre uma e outra tradição, analisando, também, o reflexo que provocam ou provocaram no contexto social e o caráter cultural em que foram produzidas.

Esta pesquisa pretende demonstrar como o estudo comparado de metáforas, em textos mitológicos nos quais o tema comum é o “Sagrado Feminino”, ou ainda, o

mito da “Grande Mãe”, fornece elementos decisivos para a compreensão das analogias, correspondências entre as mensagens e suas significações. Sob a luz das explanações de Campbell, homem dotado de um vasto conhecimento, e por meio do cruzamento de dados e histórias, serão elucidadas as semelhanças contidas nas metáforas das narrativas mitológicas analisadas no objeto de estudo.

Joseph Campbell (1904 – 1987) foi um estudioso, professor e autoridade mundial em mitologia comparada. Seu legado são valiosas obras que tratam das similitudes por ele encontradas, fruto de seu entusiasmo e intensa pesquisa, em mitologias de diferentes culturas, e cujos significados remetem à própria experiência humana, como metáforas da condição humana. Nos últimos verões de sua vida, gravou, nos estúdios da Lucasfilms, uma série de entrevistas com Bill Moyers, acerca da temática: mitos. O diálogo, transliterado por obra da editora ‘Palas Athena’, sob o título ‘O Poder do Mito’, é uma extraordinária revelação das descobertas de Campbell.

Espera-se que, através de aulas expositivas, com uso de imagens e textos, seja possível provocar os alunos para que reflitam criticamente acerca das relações analisadas, os pontos comuns entre as diferentes tradições mitológicas e suas analogias com a cultura humana. A percepção de que existem elementos universais narrados nas histórias simbólicas propicia um amplo conhecimento de mundo, vez que estas estão intimamente relacionadas com a vivência humana em sociedade, retratando as etapas da vida no que concerne ao amadurecimento do indivíduo, para que possa se tornar auto criativo e responsável. Também revelam aspectos comuns, fundamentos de nossa psique. Desta forma, através de provocações cujo eixo é o discurso de Campbell, pretende-se alcançar epifanias ao expor a sabedoria acumulada das mensagens dos mitos de forma a trazer as metáforas intrínsecas para dentro do universo de conhecimento do estudante. Pretende-se, ainda, que os educandos encontrem na atividade não apenas temas curiosos e instigantes, sobretudo espera-se proporcionar um maior conhecimento de mundo e de si. Tendo como potente combustível o estudo crítico de metáforas nos textos míticos comparados elucidados por Joseph Campbell, a partir do capítulo seguinte, serão abordadas com maior ênfase as contribuições enriquecedoras das pesquisas deste professor.

CAPÍTULO 2

A METÁFORA DA DEUSA

Bill Moyers²³, na introdução do livro 'O Poder do Mito'²⁴, objeto de estudo desta monografia, descreve certa ocasião na qual um amigo seu fora questionado acerca de um trabalho desenvolvido com Moyers e Campbell, dizendo: “por que vocês precisam de mitologia?”. Conta ainda que esta pessoa que o interrogou referiu-se às histórias de “todos esses deuses e ‘quejandos’” como sendo irrelevantes para a condição humana hoje. Moyers afirma que o que ela não sabia, aliás, poucos sabem, é que “os vestígios desses ‘quejandos’ se alinham ao longo do muro de nosso sistema interior de crenças, como cacos de cerâmica partida num sítio arqueológico”. Ele ilustra este raciocínio com a visão mítica que Campbell tinha, por exemplo, acerca dos juízes em nossa sociedade: “se essa posição representasse apenas um papel, um juiz poderia vestir, na corte, um terno cinza, em vez da negra toga magistral. Para que a lei possa manter a autoridade além da mera coerção, o poder do juiz precisa ser ritualizado, mitologizado”. Ora, mitos são um arranjo de importantes registros da experiência humana, criptografados na imagem do fantástico, de fato, decifrá-lo já é uma aventura, e o tesouro a ser conseguido, um bem inalienável, é o saber. Além de ser um tema deveras interessante, por todo o mistério envolvente que dele emana, e reforçar valores relativos ao senso crítico, ou ao respeito à diversidade cultural, nas diferentes manifestações do humano, é, sobretudo, interdisciplinar, pois que se aproxima, no decorrer deste estudo, das artes, da antropologia, da filosofia etc. Ademais, por se tratar, no capítulo a ser analisado, da presença feminina nas culturas mitológicas, e da imagem da terra como mãe viva dos seres, evoca-se a necessidade de o educando pensar numa ética²⁵ cujo compromisso é com um profundo respeito à própria vida e suas manifestações.

²³ Bill Moyers (nascido em 5 de junho de 1934) é um destacado jornalista e comentarista público nova-iorquino.

²⁴ *O Poder do Mito* é resultado de uma longa entrevista realizada entre Moyers e Campbell nos estúdios da *lucasfilms*, mas o livro não se limita a uma simples transcrição, oferecendo cerca de quatro vezes mais material, possui organização independente.

Nas culturas cuja mitologia refere-se à imagem da Deusa como mãe de todos os seres encontram-se metáforas referentes às relações entre o corpo da existência, que permite aos seres forma e os alimenta - a natureza -, com a própria magia que envolve a mulher, cujo corpo é a porta de entrada para a vida, sendo o primeiro contato de uma criança com o mundo. Mater, do latim, mãe, possui a mesma raiz etimológica que matéria²⁶. Ora, matéria é tudo que pode dar corpo a algo. É da matéria que os seres retiram, ou melhor, pegam emprestados os elementos necessários para a criação do próprio ser: o corpo. Em analogia à imagem da mãe, que protege, alimenta e dá corpo ao feto, temos a imagem da Terra, que é a grande mãe de todos os seres vivos, uma vez que todos os seres, sem exceção, compartilham da matéria do planeta em seus processos. Seja qual for a origem do impulso que se faz universo através da vibração, é na matéria, a energia, que vai acontecer a expressão da existência.

Nossos antepassados, cientes destas possíveis relações, analogias entre a natureza e a imagem da mãe, representavam em histórias míticas a compreensão de que, enquanto seres cuja existência dependia completamente da existência da natureza da terra, os homens são fruto (ou filhos) da conjunção entre dois princípios: o feminino, representado pela matéria, corpo da existência; e o masculino, representado pela consciência, fenômeno criativo que por meio da matéria experimenta uma identidade própria, um arranjo original, de existência temporária. É de se notar, todavia, que há culturas, como a dos povos hebreus, cujo caráter é predominantemente patriarcal, outras cujo caráter é essencialmente matriarcal, e ainda aquelas em que há um equilíbrio entre os dois princípios. O mito da Deusa, a grande mãe de todos os seres, está presente na maioria dos sistemas simbólicos que surgiram nas diferentes culturas humanas, sendo sua simbologia relacionada à compaixão por todas as criaturas, vez que todas as criaturas vieram do ventre da vida. Sob o ponto de vista de Campbell, religiões são como mapas, ou pistas, que servem para guiar o indivíduo durante sua autodescoberta. O mapa criado pela cultura da Deusa ensina que participamos todos de uma coexistência onde nenhum fenômeno pode acontecer isoladamente; neste ponto comum, somos irmãos. Afirma

²⁵ No sentido grego clássico, de desenvolver uma fundamentação teórica que inspire a construção de um melhor modo de viver e conviver.

²⁶ Do latim, matéria e mãe herdam a raiz etimológica de madeira, como representação do que pode vir a ser corpo existente.

ainda Campbell que, quando surge a imagem do Deus patriarcal, deveras Ele assume o papel que cabia à Ela, vez que analogias relativas a características femininas é que conduzem a uma associação, a priori, entre a imagem da mãe e da natureza.

Há, contudo, uma clara mudança psicológica no que concerne a uma simbologia voltada para a negação da Deusa, como afirma Campbell ao ser questionado por Moyers acerca da oração do Pai Nosso, se esta poderia começar com “Mãe Nossa” e se uma mudança assim afetaria o caráter de nossa cultura. O professor afirma que “todas as imagens religiosas e mitológicas se referem a planos de consciência, ou campos de experiência, que existem potencialmente no espírito humano”²⁷ e evocam atitudes e experiências favoráveis à meditação sobre o mistério da fonte do próprio ser. De uma forma geral, entende-se que é permitido fazer aquilo que os deuses fazem. No caso da civilização ocidental, cujo berço remonta aos vales dos rios Nilo, Indo, Ganges (todos nomes de deusas egípcias), a figura da Deusa trazia consigo analogias referentes à terra e à vida. As sociedades, fundamentalmente agrárias, viam na fertilidade da mulher, e no ato de dar à luz, uma nítida semelhança com a energia, ou princípio universal que dá origem às formas²⁸ e as alimenta, assim, surgiu a personificação da Mãe-terra. Nesse sentido, até este momento, tudo que pode existir existe como produto da Deusa, ela é o próprio corpo do universo, a *Maya*²⁹ dos hindus, a *Nut*³⁰ egípcia, o espaço e o tempo.

Com as invasões dos povos pastoris, tanto semitas quanto indo-europeus, que se tornaram cada vez mais devastadoras por volta de 4000 a.C., começou a cair a imagem da Deusa. Estes povos eram também caçadores, com culturas voltadas para os animais. Como caçadores, eram também assassinos e, na condição de nômades, estavam sempre em conflito com outros povos. Conquistavam, então, pela espada e traziam consigo deuses guerreiros, como Jeová ou Zeus. Eram invasores que surgiam repentinamente, destruindo, estuprando, impondo-se. As culturas com mitologias de orientação masculina acabaram por tornarem-se dominantes, Campbell ilustra este momento com o mito

²⁷ CAMPBELL, Joseph. **O Poder do Mito**. São Paulo: Editora Palas Athena, 1990, p. 175.

²⁸ Campbell se refere tanto a Immanuel Kant, ao falar de formas de sensibilidade como fruto da Deusa, quanto à teoria morfo-genética (campos que dão forma) de Rupert Sheldrake.

²⁹ Mãe das formas, princípio feminino da manifestação do cosmos.

³⁰ Deusa do céu, representando a abóbada celeste em antigas figuras egípcias.

abilônico de Tiamat³¹, a deusa-mãe, derrotada pelo jovem e poderoso deus Marduk, que enfeita a terra e os céus com o corpo desmembrado de Tiamat. Como evento arquetípico-chave, essa imposição revela uma característica dos povos imperialistas, a de elevar seu deus local ao status de senhor de todo o universo. Tiamat representava já o cosmos, ainda assim Marduk a corta em pedaços e toma para si o papel de criador. Desta forma, nesta época, por volta de 1750 a.C., tudo se subordinou ao interesses dos homens que comandavam a cidade da Babilônia, extinguindo-se a sociedade matriarcal.

Os povos indo-europeus, todavia, não chegam a desvalorizar completamente a Deusa. Ela foi uma figura de grande destaque na cultura helenística do Mediterrâneo, e retornou com a figura da Virgem, na tradição católica romana. Como exemplo tem-se a cultura grega, cuja tradição do chamado “parto virginal”, temática recorrente em sua mitologia, ingressa no cristianismo através do evangelho de São Lucas; Lucas era grego, e o único evangelho com referência ao nascimento virginal vem dele. Este tema não é, deixa claro Campbell, algo presente na tradição hebraica. Muito embora do pensamento bíblico tenham os ocidentais herdado uma cultura de subjugação feminina, entre os gregos, Zeus casa-se com a Deusa e atua juntamente com ela. Entre os hebreus a forte discriminação torna-se evidente quanto aos muitos reis que foram condenados por idolatria no topo das montanhas, as montanhas eram símbolos da Deusa. Campbell ressalta que o termo empregado para a deusa de Canaã, no velho testamento, é “a Abominação”.

Faz-se aqui um aprofundamento no significado simbólico do nascimento virginal. Campbell recorre a um sistema indiano, descritivo dos estágios espirituais, para explicar a metáfora:

Na Índia, existe um sistema de sete centros psicológicos ao longo da espinha. Eles representam planos psicológicos de interesse, consciência e ação. O primeiro se localiza no reto e representa a alimentação, a função básica, sustentadora da vida. A serpente simboliza bem essa compulsão, como uma espécie de esôfago deambulatório que segue em frente, comendo, comendo, comendo.

³¹ Ibidem p. 180.

Estes centros ao longo da espinha são chamados de Chakras³², e a energia representada pela serpente, chama-se Kundalini. À medida que o indivíduo toma consciência, neste primeiro plano, o primeiro centro, do ciclo da vida, percebe que para afirmar a vida, é necessário afirmar a morte. O constante fluxo da natureza exige que o vivo morra, doando-se para que prossiga o fluxo, assim compreende-se que ele próprio, o ser, um dia será doado. Quando atinge-se essa consciência, a serpente desperta e sobe pela espinha, para despertar os outros chakras.

O segundo centro é simbolizado pelos órgãos sexuais, representando a urgência da procriação; o controle da energia sexual, geradora de vida. No terceiro centro, na altura do umbigo, está o chakra relacionado à vontade de poder, domínio e realização, conquista. Campbell nos orienta a ver estes três primeiros centros, representados na região pélvica, como sendo símbolos, representações dos instintos animais presentes na estrutura de nossa psique. Já o quarto centro psicológico deste sistema, localizado na altura do coração, é o da abertura para a compaixão. Aqui ocorre o trânsito do campo de ação animal para um campo que é propriamente humano e espiritual. Este é o símbolo do nascimento virginal, o nascimento do homem espiritual a partir do homem animal.

Todos os símbolos da mitologia referem-se ao humano, às nossas experiências comuns. Quando nasce um deus no parto virginal, este deus representa o indivíduo. Buddha nasceu de uma abertura ao lado do coração de sua mãe, Maya, representando assim, como o nascimento virginal de cristo, o renascimento espiritual, início da humanidade, da participação no sofrimento de outra pessoa. As meditações religiosas destas culturas acontecem neste nível, do coração, metáfora da encarnação humana da compaixão. Como o procriador é do espírito, a virgem ficou grávida pela palavra. Tanto na mitologia cristã como na budista, o nascimento virginal representa, por meio de heróis e semi-deuses, seres nascidos e motivados pela compaixão e não pela vontade de domínio, de sexualidade e autopreservação. Os três centros inferiores são transcendidos e tornam-se subordinados, servindo ao coração.

Na tradição católica, a Igreja, representando o corpo da Deusa Mãe, é o símbolo do segundo nascimento. Notre-Dame de Paris, Notre-Dame de Chartres, a

³² Do sânscrito: círculo, esfera.

Santa Mãe Igreja: a ideia é que quando se sai de uma igreja, se sai regenerado, renascido espiritualmente.

É, por fim, notável, que os mitos possuem uma natureza teleológica na qual a representação, por meio de metáforas, da sabedoria humana, visa contribuir para a experiência da significação de mundo dos indivíduos, como pistas, ou mapas, que conduzem ao conhecimento de si. Quando surge a metáfora da Deusa Mãe, surge o reconhecimento da santidade do corpo da própria existência, dos frutos da vida. Todas as manifestações passam, então, a ter, para quem com tal olhar as contempla, uma origem-comum, possível graças à fertilidade da matéria, da substância corpo do universo. Assim, a catarse advinda da identidade com a própria essência da natureza que se revela nos fenômenos conduz o indivíduo a uma meditação voltada para a experiência da unidade, compreensão de que não há fenômeno isolado e, portanto, ao reconhecimento de seu papel enquanto participante de toda a extraordinária e misteriosa obra da existência. Assume-se, a partir deste reconhecimento, uma ética de valorização da experiência da vida, de onde brota serena piedade por todas as formas que também atuam saboreando as possibilidades da existência.

PLANO DE AULA

Professor: Ronan Silva Cardoso

Escola: Centro Educacional GISNO

Disciplina: Interpretação textual **Turma:** 2º ano do ensino médio

Duração: 4 aulas de 50 minutos

Assunto: Metáfora e texto mitológico: a imagem da Deusa mãe.

COMPETÊNCIA(S)	HABILIDADE(S)	PROCEDIMENTO(S)
<ul style="list-style-type: none"> • Compreender a importância do estudo comparado de metáforas na leitura de textos mitológicos. • Compreender a leitura de 5 mitos analisados por Joseph Campbell no Capítulo “A dádiva da Deusa”, do livro “O Poder do Mito”. 	<ul style="list-style-type: none"> • Refletir aspectos sociais e éticos, a partir do estudo dos textos mitológicos. • Relacionar as metáforas dos mitos analisados ao contexto cultural em que surgiram. • Identificar mitos como registros metafóricos da sabedoria acumulada de um determinado grupo cultural. 	<ul style="list-style-type: none"> • Apresentando aula expositiva. • Fazendo estudo dialético objetivando entrosamento entre os alunos. • Fixando o aprendizado com fichamentos e debate.
<p>Bibliografia: CAMPBELL, Joseph. O Poder do Mito. São Paulo: Editora Palas Athena, 1990.</p>		

CAMPBELL, Joseph. **O Herói de Mil Faces**. São Paulo: Editora Pensamento, 2007.

BOWMAN, Alan K. & WOOLF, Greg. **Cultura Escrita e Poder no Mundo Antigo**. São Paulo: ÁTICA, 1998.

ATIVIDADES PROPOSTAS PARA AS AULAS

Na primeira aula:

As cadeiras estarão dispostas em círculo em todas as aulas. O professor realiza uma introdução ao tema metáfora, indaga os alunos com a finalidade de descobrir se sabem o que significa, citando como exemplo o conceito de Mãe-Natureza. Consecutivamente, o professor explana acerca do que é um mito, e sobre como mitos se relacionam com nossas vidas.

Em seguida, o docente faz uma explanação sobre a temática da Deusa Mãe; contextualiza a origem das metáforas a aspectos da vivência cultural dos povos dos quais são registros codificados. Por conseguinte, distribui para os alunos a imagem da terra como mãe amamentando um bebê:



(**Deusa Primitiva**. Fonte da imagem: Biblioteca de Ciências da Saúde Augustus C. Long, Universidade de Columbia).

Questiona os alunos sobre o que representa o corpo da deusa, e por que razão é especificamente uma mulher representada na metáfora.

Instrui então os estudantes sobre fichamento, o sintetizar de uma ideia, e propõe que em no máximo 5 linhas, interpretando a imagem, reduzam a aula a um texto o mais curto possível, fichando em uma ideia essencial.

Na segunda aula:

O professor recapitula a primeira aula e introduz uma explanação sobre diferenças psicológicas no caráter de algumas sociedades fundamentalmente patriarcais, e outras voltadas para a cultura da Deusa. Cita como exemplo de passagem de pensamento matriarcal para patriarcal a história do confronto entre a Deusa babilônica Tiamat e o deus Marduk.

Explicadas as analogias, questionar os educandos sobre que reflexos o mito de uma cultura pode produzir na sociedade. Distribuir então o texto do mito Marduk vs. Tiamat, para que os alunos destaquem as metáforas analisadas, fichando em uma ideia essencial os conceitos de sociedade matriarcal e sociedade patriarcal.

“MARDUK vs. TIAMAT:

Os vários deuses representam aspectos do mundo físico. Apsu é o Deus da água doce e Tiamat, sua esposa, é a Deusa mãe, e do caos e da ameaça. A partir deles, vários deuses são criados. Estes novos deuses são demasiado tumultuosos e Apsu decide matá-los. Ea descobre o plano, antecipa-se e mata Apsu. Posteriormente, Damkina, esposa de Ea, dá à luz Marduk. Entretanto, Tiamat, enraivecida pelo assassinato de seu marido jura vingança e cria onze monstros para executar uma vingança. Tiamat casa com Kingu e coloca-o à frente de seu novo exército. As forças que Tiamat reuniu preparam-se para a vingança. Ea descobre o plano e confronta-a, contudo, é derrotado. Anu desafia-a, mas tem o mesmo destino. Os deuses começam a temer que ninguém será capaz de deter Tiamat.

Gaga, ministro de Anshar, é encarregado de vigiar as atividades de Tiamat e de os informar da vontade de Marduk de a enfrentar. O conselho dos deuses testa

os poderes de Marduk. Depois de passar o teste, o conselho entrega o trono a Marduk e encarrega-o de lutar com Tiamat. Com a autoridade do conselho, ele reúne as armas, os quatro ventos e ainda os sete ventos da destruição, e segue para o confronto. Depois de prender Tiamat numa rede, liberta o Vento do Mal contra ela. Incapacitada, Marduk mata-a com uma seta no coração, capturando os deuses e monstros aliados. Marduk divide o corpo de Tiamat, usando metade para criar a terra e a outra metade para criar o céu.

Marduk cria residências para os outros deuses. À medida que estes vão ocupando o seu lugar vão sendo criados os dias, meses e estações do ano. As fases da Lua determinam o ciclo dos meses. Da saliva de Tiamat, Marduk cria a chuva. A cidade da Babilônia é criada sob a proteção do Rei Marduk”.

Na terceira aula:

Iniciar com a recapitulação das duas aulas anteriores; introduzir o mito da deusa egípcia Ísis.

Ao identificar elementos comuns a símbolos míticos, o professor introduz uma explanação acerca do significado do parto virginal, e associa, em seguida, Maya, mãe de Buda, e Maria, mãe de Jesus, a Ísis, como símbolos do nascimento espiritual do homem, o início da compaixão e do domínio dos instintos.

Entregar-se-á aos alunos um texto sobre a Deusa Ísis, que possui semelhanças com as histórias de Buda e de Cristo. Por meio de uma provocação, sugerir aos alunos a interpretação que Campbell ensina, na qual essas similitudes são vistas como sendo vestígios de uma mesma essência fundamental em potencial, contida no espírito humano. Dir-se-á aos alunos que a natureza, as condições basicamente comuns a que estão submetidos todos os habitantes humanos da Terra, proporciona uma experiência assemelhada da realidade aos membros da espécie, que por vez é refletida nos símbolos organizados em mitos.

Será então o momento de pedir aos estudantes que selecionem as metáforas analisadas e fichem em uma ideia essencial a aula e a mensagem do texto trabalhado:

O VÉU DE ÍSIS:

(Texto retirado do site: <http://www.sunnet.com.br/home/Noticias/Isis-do-mito-a-historia.html>; com adaptações)

O véu de Ísis é o mesmo véu de Maia, que nos é familiar no pensamento hindu. Ele representa a forma sempre mutante da natureza, cuja beleza e tragédia ocultam o espírito aos nossos olhos. A ideia é a de que o Espírito Criativo vestia-se de formas materiais de grande divindade e que todo o universo que conhecemos era feito daquela maneira, como a manifestação do Espírito do Criador. Plutarco expressa essa ideia quando diz:

"Pois Ísis é o princípio feminino da natureza e aquela que é capaz de receber a inteireza da gênese; em virtude disso ela tem sido chamada de enfermeira e a que tudo recebe por Platão e, pela multidão, a dos dez mil nomes, por ser transformada pela Razão e receber todas as formas e ideias".

Um hino dirigido a Ísis-Net exprime essa mesma ideia de véu da natureza que esconde a verdade do mistério dos olhos humanos. Net era uma forma de Ísis, e era considerada como Mãe-de-todos. O texto em que esse hino está registrado data de cerca de 550 a.C., mas é provavelmente muito mais antigo.

Salve grande mãe, não foi descoberto teu nascimento!

Salve grande deusa, dentro do submundo que é duplamente escondido, tu, a desconhecida!

Salve grande divina, **não foste aberta!**

Ó, abre teu traje.

Salve, **coberta**, nada nos é dado como acesso a ela.

Venha receber a alma de Osíris, **protege-a**, dentro de tuas duas mãos.

O véu de Ísis tem também significados derivados. Diz-se que o ser vivo é pego na teia ou véu de Ísis, significando que, no nascimento, o espírito, a centelha divina que está em todos nós, é preso ou incorporado na carne. Significa dizer que todos nós ficamos emaranhados ou presos na teia da natureza. Essa teia é a trama do destino, ou ainda, circunstâncias. É inevitável que devamos ser presos pelo

destino, mas frequentemente consideramos este enredamento como infortúnio e queremos nos libertar dele. Se aceitarmos esta situação, de o ser vivo estar preso a teia de Ísis, acabaremos encarando a trama de nossa vida de maneira diferente, pois é somente deste modo que o espírito divino pode ser resgatado. Se não fosse aprisionado desta forma, vagaria livremente e nunca teria oportunidade de transformar-se. Portanto, o espírito do homem precisa estar preso à rede de Ísis, caso contrário, não poderá ser levado em seu barco para a próxima fase de experiência.

Na quarta aula:

O professor recapitula brevemente as aulas anteriores. Organiza um círculo em sala e realiza, como atividade avaliativa, debate acerca dos temas e textos estudados. A partir dos fichamentos realizados, os alunos serão convidados a participar.

O docente reafirma a importância da metáfora na construção de significados no texto mitológico. Incentiva, então, o debate das relações entre mito e cultura. Dialogar com os estudantes sobre a construção da ética pautada no reconhecimento da mensagem do mito da “Deusa Mãe”.

Concluir a aula de forma que possa a turma ter fichamentos de todos os textos trabalhados, além de serem capazes de relacionar as metáforas referentes ao “Sagrado Feminino” e compreender seu significado simbólico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa deveras revelou ser uma atividade educativa mui promissora, vez que aplicada a turmas do 2º ano do ensino médio no Centro Educacional GISNO, em Brasília, provocou o interesse entusiasmado dos estudantes. No objeto de estudo analisado, encontramos o resultado de anos de pesquisa de Campbell, cujas fascinantes descobertas, com efeito, desanuviam os limites impostos pela interpretação superficial de metáforas mitológicas. Somente em virtude da análise comparada de sistemas simbólicos distintos é possível perceber, por entre os pontos comuns que as diferentes histórias míticas revelam possuir, a sua verdadeira importância no processo de formação cultural e, conseqüentemente, do indivíduo historicamente situado. Campbell afirma que participar de um rito é vivenciar o mito, e isso é experimentado, por exemplo, ao entrar e sair de uma igreja, ou sempre que os símbolos, pelo poder que possuem de orientar a campos específicos de ideias a imaginação, organizados num sistema convencionalmente aceito, nos servem como um guia de como viver no mundo, seja no exercício do autoconhecimento ou em ritos sociais como formatura, casamento etc.

Quando se fala em Deusa, nos mitos analisados pelo professor, refere-se ao próprio corpo da existência, matéria, mãe, por analogia à fertilidade de manifestações da natureza, por ser ela o veículo do que é possível existir. Uma cultura de um deus paternalista, imposta conforme se impuseram povos nômades guerreiros há milênios, tentou eliminar a imagem da Deusa das tradições míticas e religiosas, de forma que o Deus tomou o papel da Deusa. Contudo, o sagrado feminino, metáfora que fazemos entre atributos femininos que analogamente manifestam-se nos fenômenos da vida, longe de ser eliminado, voltou a aparecer nos símbolos religiosos católicos, além de povoar o imaginário até mesmo de filósofos e cientistas, que refletem a questão da grande mãe quando atribuem à existência a característica de doadora de formas, tal como os campos mórficos de Rupert Sheldrake.

Ao passar de um natural “mãe nossa” para o artificial “pai nosso”, a cultura ocidental incorporou valores relativos à visão de mundo dos antigos semitas e indo-

européus, onde é desprivilegiada, vista até como abominação, a imagem do que concerne ao universo feminino. Faz-se, contudo, necessária a compreensão da importância da combinação entre os princípios masculino e feminino, de forma a equivalerem-se ainda que em distintos significados. Pois que valorizar as diferentes formas de vida, discurso cada vez mais presente nesta sociedade, é a percepção de que a inteligência não separa da natureza o homem; o homem é mais um grau de manifestação do complexo fenômeno consciência, na terra, e coexistimos com inúmeras outras fascinantes formas de vida, capazes de criarem a si mesmas usando o corpo da gentil mãe natureza, inspirando nosso imaginário, nossas criações, nossa identidade. Não há fronteiras para quem vê a terra de fora, não há diferenças para quem vê o humano a partir do coração. Esta pode ser a nova bandeira que será levantada, onde todos seremos irmãos numa mitologia que apresente nossos campos de experiência comuns como frutos de nossa origem única enquanto filhos do mesmo planeta terra. Esta pesquisa é dedicada a conscientizar para o alto valor cultural do estudo mítico, e para contribuir com a formação crítica do estudante leitor.

ANEXOS

JOSEPH CAMPBELL (O Poder do Mito, capítulo VI, 1990).

A DADIVA DA DEUSA

Os mitos da Grande Deusa ensinam a ter compaixão por todas as criaturas. Assim você chega a avaliar a verdadeira santidade da própria terra, que é o corpo da Deusa.

MOYERS: A oração ao Senhor começa: “Pai Nosso que estás no Céu...” Não podia ter sido “Mãe Nossa”?

CAMPBELL: Essa é uma imagem simbólica. Todas as imagens religiosas e mitológicas se referem a planos de consciência, ou campos de experiência, que existem potencialmente no espírito humano. Essas imagens evocam atitudes e experiências propícias à meditação sobre o mistério da fonte do seu próprio ser. Houve sistemas religiosos em que a mãe era o principal progenitor, a fonte. A mãe, na verdade, é um progenitor mais próximo que o pai, porque o bebê nasce da mãe e o primeiro contato que experimenta é com a mãe. Tenho pensado, muitas vezes, que a mitologia é uma sublimação da imagem da mãe. Estamos falando da Mãe Terra. No Egito você tem a Mãe Céu, a deusa Nut, representada como sendo toda a esfera celeste.

MOYERS: Fiquei fascinado pelo Egito ao ver, pela primeira vez, a imagem de Nut no teto de um daqueles templos.

CAMPBELL: Sim, conheço o templo.

MOYERS: É impressionante, por inspirar reverência e, ao mesmo tempo, por seu caráter sensual.

CAMPBELL: Sim. A ideia da Deusa se relaciona ao fato de que você nasceu de sua mãe e seu pai pode ser desconhecido, para você, ou ter morrido. Nas epopéias, freqüentemente, quando o herói nasce, o pai já morreu ou está em algum outro lugar, então o herói tem de partir à procura do pai. Na história de Jesus, seu pai era o Pai do Céu, pelo menos em termos da simbologia. Quando é colocado na cruz, Jesus está a caminho do pai, deixando a mãe para trás. E a cruz, que simboliza a terra, é o símbolo da mãe. Assim, na cruz, Jesus deixa o seu corpo sobre a mãe, de quem ele o havia adquirido, e vai para o pai, que é a suprema fonte transcendente do mistério.

MOYERS: Que impacto teve sobre nós essa procura do pai, através dos séculos?

CAMPBELL: É um tema básico, na mitologia. Há um tema secundário, que ocorre em muitas narrativas ligadas à vida do herói, em que o menino diz: “Mãe, quem é meu pai?”. Ela dirá: “Bem, seu pai está em tal ou qual lugar”, e então ele parte à procura do pai. Na Odisséia, Telêmaco, filho de Ulisses, ainda é um bebê quando o pai parte para a Guerra de Tróia. A guerra se estende por dez anos e então, na viagem de volta para casa, Ulisses se perde por mais dez anos no mundo misterioso do Mediterrâneo mitológico. Atena se aproxima de Telêmaco, que está com vinte anos, e diz: “Vá encontrar o seu pai”. Ele não sabe onde o pai está. Vai a Nestor e pergunta: “Onde você acha que meu pai poderia estar?”. E este responde: “Bem, vá perguntar a Proteu”. Ele está à procura do pai.

MOYERS: Em Guerra nas estrelas, Luke Skywalker diz aos companheiros: “Eu gostaria de ter conhecido meu pai”. Existe algo poderoso na imagem da procura do pai. Mas por que não a procura da mãe?

CAMPBELL: Bem, a mãe está aí mesmo. Você nasceu dela, ela o amamenta, lhe dá educação e acompanha o seu crescimento, até a idade em que você deve ir procurar o seu pai. Pois bem, encontrar o pai tem a ver com o encontro do seu próprio caráter e do seu próprio destino. Acredita-se que o caráter seja herdado do

pai e o corpo, e muitas vezes a mente, da mãe. Mas o mistério reside no seu caráter, e o seu caráter é o seu destino. Portanto, a procura do pai simboliza a descoberta do seu destino.

MOYERS: Então, quando encontra o seu pai, você encontra a si mesmo?

CAMPBELL: Em inglês, podemos dizer “at one ment”³³ junto ao pai. Você deve se lembrar da história de Jesus perdido em Jerusalém, quando tinha doze anos de idade. Seus pais o procuram e o encontram no templo, conversando com os doutores da lei, e perguntam lhe: “Por que você nos abandonou desse modo? Por que você nos causou tanto medo e ansiedade?”. E ele diz: “Vocês não sabiam que eu devia estar às voltas com a ocupação do meu pai?” Ele estava com doze anos, a idade da iniciação adolescente, em que o menino parte à procura do pai.

MOYERS: Mas o que aconteceu, no meio do percurso, a essa reverência que, nas sociedades primitivas, era dirigida à figura da Deusa, a Grande Deusa, a Mãe Terra?

CAMPBELL: Bem, isso estava associado, primordialmente, à agricultura e às sociedades agrárias. Tinha a ver com a terra. A mulher dá à luz, assim como da terra se originam as plantas. A mãe alimenta, como o fazem as plantas. Assim, a magia da mãe e a magia da terra são a mesma coisa. Relacionam-se. A personificação da energia que dá origem às formas e as alimenta é essencialmente feminina. A Deusa é a figura mítica dominante no mundo agrário da antiga Mesopotâmia, do Egito e dos primitivos sistemas de cultura do plantio. Encontramos centenas de variações da Deusa na primitiva Europa neolítica, mas praticamente nada ligado à figura masculina. O touro e certos animais, como o javali e o bode, podem aparecer como simbólicos do poder masculino, mas a Deusa é a única divindade visualizada, nessa

³³ Ao desdobrar atonement (expição, reparação) em três elementos, Campbell sugere a ideia de ação una, conjunta (ment é um sufixo designativo de ação, efeito), de modo que, em inglês, a expressão toda ganha também o sentido de “numa só ação com o pai”. (N. do T.)

altura. E quando você tem uma Deusa como criador, o próprio corpo dela é o universo. Ela se identifica com o universo. É esse o sentido daquela figura da deusa Nut, que você viu no templo egípcio. Ela é toda a esfera dos céus que abarcam a vida.

MOYERS: Existe uma imagem da Deusa engolindo o sol, você se lembra?

CAMPBELL: A ideia é que ela engole o sol no oeste e volta a dar-lhe nascimento no leste. E o sol atravessa o seu corpo durante a noite.

MOYERS: Então seria natural, para aqueles que procuram entender as maravilhas do universo, tomar a figura feminina como explicação do que percebem nas suas próprias vidas.

CAMPBELL: Não só isso. Quando você depara com uma perspectiva filosófica, como nas religiões consagradas à Deusa, na Índia – onde a simbologia da Deusa é dominante ainda hoje, o feminino representa a maya. O feminino representa o que, em termos kantianos, chamamos de formas da sensibilidade. Ela é espaço e tempo, e o mistério para além dela é o mistério para além de todos os pares de opostos. Assim, não é masculina nem feminina. Nem é, nem deixa de ser. Mas tudo está dentro dela, de modo que os deuses são seus filhos. Tudo quanto você vê, tudo aquilo em que possa pensar, é produto da Deusa. Uma vez vi um filme científico maravilhoso sobre o protoplasma. Foi uma revelação para mim. Ele se move o tempo todo, flutua. As vezes, parece estar flutuando nesta ou naquela direção e, então, cria formas. O protoplasma possui a potencialidade de dar às coisas formas delineadas. Isso foi no norte da Califórnia. No caminho de volta, enquanto eu dirigia pela costa, na direção sul, tudo o que eu via, o tempo todo, era protoplasma, em forma de capim, sendo comido por protoplasma em forma de vacas; protoplasma em forma de pássaros, mergulhando através de protoplasma em forma de peixes. Você ganha essa intuição maravilhosa do abismo do qual tudo se origina. Mas cada forma

tem suas intenções próprias, suas possibilidades próprias e aí se constitui o significado, não no protoplasma em si.

MOYERS: Voltemos, então, aos hindus, para quem a vida e a energia informes de todas as coisas estão na terra. Você cita estas frases dos Upanixades: “Tu és o pássaro azul escuro e o papagaio verde com olhos vermelhos. Tu lanças o raio como se fosse teu filho. Tu és as estações e os oceanos. Não tendo início, tu deves conformar te à imanência, de onde todas as coisas são nascidas”. É essa ideia de que nós e a terra somos um só, não é mesmo? Mas não era inevitável que essa ideia desaparecesse sob o impacto das descobertas científicas? Sabemos hoje que as plantas não crescem de cadáveres humanos, mas sim de acordo com as normas do plantio, do solo, do sol. Newton não matou o mito?

CAMPBELL: Ah, eu acho que o mito está voltando. Há um jovem cientista, hoje, que está usando a expressão “campo morfogenético”, o campo que produz formas. Eis o que a Deusa é, o campo que produz formas.

MOYERS: O que significa isso, para nós?

CAMPBELL: Bem, significa procurar a fonte da sua própria vida, a relação entre o seu corpo, enquanto forma física, e essa energia que o anima. O corpo sem energia não está vivo, não é mesmo? Então você pode distinguir, na sua própria vida, o que é do corpo e o que é da energia e da consciência. Na Índia, o símbolo supremo mais comum é o falo, ou lingam, como eles o chamam, do deus gerador penetrando a vagina, ou a yoni, como eles a chamam, da Deusa. Ao contemplar esse símbolo, você está contemplando o momento gerador, em si, de toda a vida. Todo o mistério da geração da vida pode ser simbolicamente contemplado nesse símbolo. Como você vê, o mistério sexual, na Índia, como em quase todo o mundo, é um mistério sagrado. É o mistério da geração da vida. O ato de gerar uma criança é um ato cósmico e deve ser entendido como sagrado. Por isso, o símbolo que mais claramente representa o mistério do despejar da energia da vida, no campo do

tempo, é do lingam e a yoni, os poderes masculino e feminino, em conjunção criativa.

MOYERS: O que teria significado para nós se, em algum ponto do percurso, tivéssemos começado a rezar “Mãe Nossa” em vez de “Pai Nosso”? Que diferença psicológica isso teria ocasionado?

CAMPBELL: Isso certamente ocasionou uma diferença psicológica no caráter da nossa cultura. Por exemplo, a floração básica da civilização ocidental ocorreu nos grandes vales dos rios – o Nilo, o Tigre Eufrates, o Indo, e mais tarde, o Ganges. Esse era o mundo da Deusa. O nome do rio Ganges (Ganga), por exemplo, é o nome de uma deusa. E então vieram as invasões. Pois bem, as invasões começaram, para valer, no quarto milênio antes de Cristo e foram se tornando cada vez mais devastadoras. Vieram do norte e do sul e destruíram cidades, da noite para o dia. Leia no Gênesis a história do papel desempenhado pela tribo de Jacó na queda da cidade de Siquém. Do dia para a noite, a cidade foi varrida do mapa por esses povos pastores, que surgiram repentinamente. Os invasores semitas eram pastores de cabras e ovelhas, os indo europeus eram pastores de gado. Uns e outros, primitivamente, eram caçadores, de modo que as suas culturas eram essencialmente orientadas para os animais. Onde há caçadores, há assassinos. E onde há pastores também há assassinos, porque estão sempre em movimento, são nômades entrando em conflito com outros povos e conquistando as áreas para onde se movem. E essas invasões traziam deuses guerreiros, lançadores de raios, como Zeus ou Jeová.

MOYERS: A espada e a morte em lugar do falo e da fertilidade?

CAMPBELL: Isso mesmo, e eles se equipararam.

MOYERS: Você costuma contar uma história sobre a queda da deusa mãe Tiamat.

CAMPBELL: Desconfio que essa história poderia ser considerada, aqui, como um evento arquetípico chave.

MOYERS: Você considera esse um momento crítico da história.

CAMPBELL: Exato. Os povos semíticos estavam invadindo o território dos sistemas da Deusa Mãe, de modo que as mitologias de orientação masculina se tornaram dominantes e a Deusa Mãe se tornou, bem... uma espécie de Deusa Vovozinha, deixada para trás. Foi na época do surgimento da cidade de Babilônia. Cada uma dessas cidades primitivas tinha o seu deus ou deusa protetora. A característica dos povos imperialistas, você sabe, é ver o seu deus local promovido a senhor de todo o universo. As demais divindades deixam de contar. E o meio de conseguir isso é aniquilar o deus ou deusa que estava aí antes. Pois bem, a divindade que precedeu ao deus babilônio Marduk era a Deusa de Todas as Mães. Então a história começa com um grande concílio dos deuses masculinos, no céu – cada deus era uma estrela, e eles tinham ouvido dizer que a Vovó estava chegando, a velha Tiamat, o Abismo, a Fonte inexaurível. Ela surge na forma de um grande peixe ou dragão – e que deus teria coragem de se lançar contra a Vovó e matá-la? Aquele que teve coragem foi, é claro, o deus da maior cidade de então. Era o maior de todos. Assim, quando Tiamat abre a boca, o jovem deus Marduk, da Babilônia, despeja todos os ventos em sua garganta e barriga e a faz em pedaços. Em seguida, recolhe os pedaços e enfeita a terra e os céus com o corpo desmembrado de Tiamat. Esse motivo do desmembramento de um ser primordial, transformando-se o seu corpo no universo, aparece em muitas mitologias, sob variadas formas. Na Índia, desponta com a figura de Purusha, cujo corpo refletido é o universo. Pois bem, nas velhas mitologias da Deusa, a deusa mãe, ela própria, já é o universo, de modo que a grande proeza criativa de Marduk se constituiu num ato de suprema revogação. Ele não tinha necessidade de cortá-la em pedaços, nem de construir o universo a partir dela, porque ela já era o universo. Mas o mito de orientação masculina se impõe, e ele se torna, aparentemente, o criador.

MOYERS: E o interesse que se transfere da Deusa para seu filho, esse jovem político ambicioso, que...

CAMPBELL: Bem, tudo se subordinou aos interesses específicos dos homens que comandavam a cidade de Babilônia.

MOYERS: Então a sociedade matriarcal começou a dar lugar a...

CAMPBELL: Ah, naquela época, cerca de 1750 a.C., a sociedade matriarcal já estava extinta.

MOYERS: Algumas mulheres, hoje, dizem que o espírito da Deusa foi mantido em exílio por cinco mil anos, desde que...

CAMPBELL: Não se deve recuar tanto assim, cinco mil anos. A Deusa foi uma figura poderosa na cultura helenística do Mediterrâneo, e retornou com a figura da Virgem, na tradição católica romana. Nenhuma tradição da Deusa é celebrada mais esplêndida e maravilhosamente do que nos séculos XII e XIII, nas catedrais francesas, todas as quais se chamam Notre Dame.

MOYERS: Sim, mas todos esses motivos e temas eram controlados por homens – sacerdotes, bispos – que excluía as mulheres. Assim, seja o que for que essa forma tenha significado para o crente, no que se refere ao poder a imagem estava nas mãos da figura masculina, dominante.

CAMPBELL: Você pode sublinhar esse aspecto, mas eu ainda acho que é um pouco exagerado, porque havia as grandes figuras das santas. Hildegarde de Bingen se emparelhava com Inocêncio 111. Eleonor da Aquitânia... não sei de ninguém, na Idade Média, que tivesse estatura semelhante. Hoje é possível olhar para trás e questionar o quadro, no seu todo, mas a situação das mulheres não era tão má assim, de modo algum.

MOYERS: Não, mas nenhuma dessas santas jamais se tornou papa.

CAMPBELL: Tornar-se papa, na verdade, não significa muita coisa, é uma função própria da aridez dos negócios. Nenhum dos papas jamais poderia tornar-se a mãe de Cristo. São diferentes papéis a desempenhar. A tarefa do homem era proteger as mulheres.

MOYERS: Daí se desenvolveu a ideia do paternalismo.

CAMPBELL: As mulheres eram presas de guerra, eram bens. Com a queda de uma cidade, todas as mulheres eram estupradas.

MOYERS: Existe essa contradição ética, mencionada no seu livro, a partir de uma citação do Êxodo: “Não matarás, não cobiçarás a mulher do próximo – exceto no estrangeiro. Então deverás submeter todos os homens, pela espada, e tomarás para ti todas as mulheres, como despojos de guerra”. Está lá, no Velho Testamento.

CAMPBELL: Deuteronomio. São algumas passagens atrozés.

MOYERS: E o que dizem elas a respeito das mulheres?

CAMPBELL: Elas falam mais acerca do Deuteronomio que de mulheres. Os hebreus eram absolutamente cruéis em relação aos seus vizinhos. Mas essa passagem é uma variação extrema de algo que é inerente à maior parte das mitologias sociologicamente orientadas. Quer dizer, amor e compaixão são reservados para os do grupo, agressão e abuso são projetados fora, nos outros. A compaixão se destina aos membros do seu próprio grupo. Os de fora devem ser tratados da maneira descrita nessa passagem do Deuteronomio. Acontece que, hoje, não existem mais “os de fora”, no planeta. E o alvo da religião moderna é demonstrar a mesma compaixão para com toda a humanidade. Mas o que ocorre, então, com a agressão? Esse é um problema que o mundo vai ter de enfrentar – porque a agressão é um instinto tão natural quanto a compaixão, e ainda mais

imediatamente que ela, e sempre vai existir. É um fato biológico. Nos tempos bíblicos, é claro, os hebreus, quando chegavam, literalmente punham abaixo a Deusa. O termo empregado para a deusa de Canaã, no Velho Testamento, é “a Abominação”. Aparentemente, ao longo do período descrito no Livro dos Reis, por exemplo, houve um movimento de ida e vinda entre os dois cultos. Muitos dos reis hebreus são condenados, no Velho Testamento, por terem cometido o pecado da idolatria, no topo das montanhas. Essas montanhas eram símbolos da Deusa. E, entre os hebreus, havia uma forte discriminação contra a Deusa, sem similar nas mitologias indo-européias. Ali, Zeus se casa com a Deusa e depois os dois atuam juntos. Portanto, o que temos na Bíblia é um caso extremo; a subjugação da mulher, entre nós, ocidentais, é uma decorrência do pensamento bíblico.

MOYERS: É que, ao substituir a mulher pelo homem, você assume uma psicologia diferente, outro viés cultural, que lhe faculta fazer o que os seus deuses fazem. Aí você, simplesmente...

CAMPBELL: É exatamente isso. Eu vejo aqui três estágios. Primeiro, o primordial, da Deusa, em que o homem é uma divindade pouco significativa. Depois, a reversão, que é quando o homem assume o papel da Deusa. E finalmente o estágio clássico, quando os dois interagem, como acontece também, por exemplo, na Índia.

MOYERS: Como isso se dá?

CAMPBELL: Isso resulta da atitude dos indo europeus, que não chegaram a desvalorizar completamente o princípio feminino.

MOYERS: E quanto ao nascimento virginal? De repente, a Deusa reaparece, sob a forma de um receptáculo casto e puro, escolhido por Deus para a sua ação.

CAMPBELL: Na história das religiões ocidentais, isso constitui um desenvolvimento extremamente interessante. No Velho Testamento, você tem um

Deus que criou o mundo sem uma deusa. Depois, nos Provérbios, lá está ela, Sofia, a Deusa da Sabedoria, que diz: “Quando Ele criou o mundo, eu lá estava e era a Sua grande alegria”. Mas na tradição hebraica a ideia de um filho de Deus é repulsiva, é totalmente desconsiderada. O Messias, enquanto filho de Deus, não é na verdade filho de Deus. Estou seguro de que não há vestígio de nascimento virginal nessa tradição. O nascimento virginal ingressa no cristianismo através da tradição grega. Nos quatro Evangelhos, por exemplo, o único em que há referência a nascimento virginal é o Evangelho segundo São Lucas, e Lucas era grego.

MOYERS: E na tradição grega havia imagens, lendas, mitos de nascimentos virginais?

CAMPBELL: Oh, sim... Leda e o cisne, Perséfone e a serpente, e este, aquele e aquele outro. O nascimento virginal é um motivo recorrente.

MOYERS: Então não era uma novidade, em Belém. Mas qual é o significado do nascimento virginal?

CAMPBELL: Acho que a melhor maneira de responder a essa pergunta é conversar a respeito de um sistema, existente na Índia, que descreve os estágios do desenvolvimento espiritual. Na Índia, existe um sistema de sete centros psicológicos, ao longo da espinha. Eles representam planos psicológicos de interesse, consciência e ação. O primeiro se localiza no reto e representa a alimentação, a função básica, sustentadora da vida. A serpente simboliza bem essa compulsão, como uma espécie de esôfago deambulatório, que segue em frente, comendo, comendo, comendo. Nenhum de nós estaria aqui se não estivéssemos comendo continuamente. O que você come é sempre algo que, um momento antes, estava vivo. Este é o mistério sacramental do alimento e da comida, que raramente nos vem à mente, quando nos sentamos para comer. Se dizemos graças, antes das refeições, agradecemos a essa figura provinda da Bíblia, pelo nosso alimento. Mas, nas mitologias primitivas, quando se preparavam para comer, as pessoas agradeciam ao animal, que estavam prestes a consumir, por ter se doado, em

sacrifício voluntário. Há um dito magnífico, num dos Upanixades: “Oh maravilhoso, oh maravilhoso, oh maravilhoso, eu sou alimento, eu sou alimento, eu sou alimento! Eu sou um comedor de alimento, eu sou um comedor de alimento, eu sou um comedor de alimento!” Já não pensamos assim, hoje, a respeito de nós mesmos. Mas agarrando-se a você mesmo, e não se permitindo ser alimento, você pratica o ato negativo primordial, enquanto negação da vida. Você interrompe o fluxo! E a liberação do fluxo é a grande experiência do mistério, inerente ao ato de agradecer a um animal, que está prestes a ser comido, por ter se doado. Você também será doado, quando chegar o momento.

MOYERS: Eu sou natureza, a natureza é meu próprio ser.

CAMPBELL: Sim. Agora, o segundo centro psicológico é simbolizado, na ordem hindu do desenvolvimento espiritual, pelos órgãos sexuais, o que significa dizer a urgência da procriação. Um terceiro centro se localiza na altura do umbigo e é o centro da vontade de poder, domínio e realização, ou, em seu aspecto negativo, conquistar, subjugar, esmagar e refugar fora os outros. Essa é a terceira função, a agressiva. E, como somos obrigados a reconhecer no simbolismo do sistema psicológico hindu, essas três funções – alimentação, procriação e domínio e conquista – são todas de instinto animal, e os três centros se localizam simbolicamente na bacia pélvica. O quarto centro está na altura do coração e é o da abertura para a compaixão. Aqui você transita do campo da ação animal para um campo que é propriamente humano e espiritual. E para cada um desses quatro centros é imaginada uma forma simbólica. Na base, por exemplo, onde se encontra o primeiro centro, o símbolo é o do lingam e a yoni, os órgãos masculino e feminino, em conjunção. E no centro do coração aparecem outra vez o lingam e a yoni, ou seja, os órgãos masculino e feminino, em conjunção, mas aqui representados em dourado, para simbolizar o nascimento virginal, quer dizer, o nascimento do homem espiritual a partir do homem animal.

MOYERS: E isso acontece...

CAMPBELL: ...acontece quando, no nível do coração, você desperta para a compaixão, com paixão, sofrimento partilhado: participação efetiva no sofrimento de outra pessoa. É o início da humanidade. E as meditações religiosas, apropriadamente, se localizam neste nível, o nível do coração.

MOYERS: Você diz que é o início da humanidade. Mas essas histórias falam do nascimento de deuses. O nascimento virginal... é um deus que emerge.

CAMPBELL: E você sabe quem é esse deus? É você. Todos esses símbolos na mitologia se referem a você. Você pode se apegar ao lá fora e achar que está tudo lá fora. Assim, você estará pensando em Jesus levando em conta todo o sentimento, tudo o que ele sofreu – lá fora. Mas esse sofrimento devia estar acontecendo dentro de você. Você renasceu espiritualmente? Você morreu para a sua natureza animal e retornou à vida como encarnação humana da compaixão?

MOYERS: O que há de significativo no fato de se tratar de uma virgem?

CAMPBELL: O procriador é do espírito. Trata-se de um nascimento espiritual. A Virgem ficou grávida da Palavra, pelo ouvido.

MOYERS: A Palavra veio como um feixe de luz.

CAMPBELL: Sim. E o Buda – o sentido é o mesmo – diz-se que nasceu do flanco de sua mãe, localizado no chakra do coração.

MOYERS: Chakra do coração significa...?

CAMPBELL: Oh, chakra do coração é o centro simbólico associado ao coração. Chakra significa “círculo”, “esfera”.

MOYERS: Então o Buda saiu...

CAMPBELL: O Buda nasceu do flanco de sua mãe. É um nascimento simbólico. Ele não nasceu fisicamente do flanco de sua mãe, mas simbolicamente.

MOYERS: Mas Cristo nasceu do modo como você e eu nascemos.

CAMPBELL: Sim, mas de uma virgem. E então, de acordo com a doutrina católica romana, sua virgindade foi restaurada. De modo que, fisicamente, nada aconteceu, você poderia dizer. A referência simbólica não é ao nascimento físico de Jesus, mas à sua significação espiritual. Eis aí o que o nascimento virginal representa. Heróis e semideuses nascem como seres motivados pela compaixão e não pela vontade de domínio, de sexualidade e de autopreservação. Este é o sentido do segundo nascimento, quando você começa a viver a partir do centro do coração. Os três centros inferiores não devem ser recusados, mas transcendidos, na medida em que se subordinam e passam a servir ao coração.

MOYERS: Existem, na Antiguidade, imagens da Madona como a mãe da criança salvadora?

CAMPBELL: O antigo modelo para a Madona, na verdade, é Ísis amamentando Hórus.

MOYERS: Ísis?

CAMPBELL: É uma história complicada. Tudo isso, de fato, vai se tornando bem complicado. Mas Ísis e seu marido, Osíris, eram gêmeos, nascidos da deusa Nut. E seus parentes mais jovens eram Set e Néftis, que também eram gêmeos, nascidos de Nut. Uma noite, Osíris dormiu com Néftis, pensando que era Ísis. Mera questão de detalhe, você diria. Em resultado, nasceu Anúbis, filho mais velho de Osíris, mas da esposa errada. Set, marido de Néftis, não gostou nada do que aconteceu e planejou matar o irmão mais velho, Osíris. Secretamente, tomou as medidas de Osíris e mandou confeccionar um sarcófago muito bonito do tamanho exato do irmão. E então, uma noite, enquanto transcorria uma festa encantadora,

entre os deuses, Set chegou com o sarcófago e declarou que o daria de presente a quem ele servisse. Todos na festa tentaram, e, é claro, quando chegou a vez de Osíris o sarcófago lhe serviu perfeitamente. Em seguida, entraram correndo setenta e dois cúmplices, colocaram a tampa, prenderam-na firmemente e jogaram o sarcófago no Nilo. O que temos aqui, então, é a morte de um deus. Sempre que ocorre a morte de um deus desse porte, pode-se esperar em seguida uma ressurreição. A morte de Osíris foi simbolicamente associada à cheia e ao transbordamento anuais do Nilo, que periodicamente propiciava a fertilização do solo do Egito. Foi como se a decomposição do corpo de Osíris fertilizasse e vitalizasse a terra. Osíris desceu o Nilo, flutuando, e foi lançado à margem, numa praia da Síria. Uma bela árvore, de essência aromática, cresceu ali e incorporou o sarcófago ao seu tronco. Tinha acabado de nascer um filho do rei local, que se preparava para construir um palácio. E, como o aroma daquela árvore era de fato magnífico, ele a mandou cortar e transformou-a no pilar central da grande sala do palácio. Enquanto isso, a pobre deusa Ísis, cujo marido tinha sido lançado no Nilo, começou a procurar o seu corpo. Este tema da procura do deus que é o esposo da alma é um tema mitológico primordial, nesse período: o tema da Deusa que parte em busca do esposo ou amado perdido e, graças à lealdade e à descida ao reino da morte, consegue resgatá-lo. Ísis chega em tempo à Síria, ouve falar da coluna aromática do palácio real e, suspeitando que deve ter relação com Osíris, emprega-se como babá do príncipe recém nascido. Bem, a criança mama através do dedo de Ísis afinal, ela é uma deusa e há um limite nisso de se rebaixar para obter alguma coisa. Mas ela se apaixona pela criança e decide conceder-lhe imortalidade, colocando-a na lareira, para queimar seu corpo mortal, livrando o menino desse peso. Sendo deusa, você sabe, ela podia evitar que o fogo matasse a criança. E, toda noite, enquanto o menino está no fogo, ela se transforma numa andorinha e fica voando, cheia de pesar, ao redor da coluna onde seu esposo está encerrado. Certa noite, a mãe da criança entra no quarto e vê o bebê na lareira, solta um grito que rompe o encantamento, e a criança tem que ser salva da incineração. A andorinha, nesse intervalo, tinha retornado à forma de uma encantadora babá e deusa, que explica o que está acontecendo e diz à rainha: “É o meu marido que está encerrado naquela coluna, e eu ficaria grata se você me permitisse levá-lo de volta para casa”. Aí o rei,

que tinha acabado de entrar, diz: “Mas claro! Certamente”. Manda remover a coluna, entrega-a a Ísis e o belo sarcófago contendo Osíris é colocado numa barcaça real. No caminho de volta ao delta do Nilo, Ísis remove a tampa do caixão, deita-se sobre o marido morto e engravida. Esse é um tema que aparece nas antigas mitologias, inúmeras vezes, sob muitas formas simbólicas: da morte se origina a vida. Quando a barcaça aporta, a Deusa dá à luz, no pântano de papiro, o seu filho Hórus. E foi a imagem dessa mãe divina, com seu filho concebido por um deus, que se tornou o modelo para a Madona.

MOYERS: E a andorinha se tornou a pomba, não é verdade?

CAMPBELL: Bem, a pomba, em pleno voo, é um símbolo praticamente universal do espírito, tal como, no cristianismo, o Espírito Santo...

MOYERS: ...que se associa à mãe sagrada?

CAMPBELL: À mãe como grávida do espírito, sim. Mas falta um detalhe aqui. Enquanto isso tudo acontecia, o ciumento irmão mais novo, Set, tinha usurpado o trono de Osíris. Porém, para que o trono fosse adequadamente dignificado, ele precisaria casar-se com Isis. Na iconografia egípcia, Ísis representa o trono. O faraó se senta no trono, que é Ísis, como uma criança no colo da mãe. Então, quando pára diante da catedral de Chartres, você vê, acima de um dos portais da entrada oeste, uma imagem da Madona como um trono sobre o qual se assenta o Menino Jesus, que abençoa o mundo, como seu imperador. E precisamente esta a imagem que chegou até nós, do Egito antigo. Os primeiros padres e os primeiros artistas adotaram essas imagens intencionalmente.

MOYERS: Os padres do cristianismo adotaram a imagem de Ísis?

CAMPBELL: Sem dúvida. Eles mesmos o dizem. Leia o texto onde se declara que “aquelas formas, meras formas mitológicas no passado, agora são verdadeiras e encarnam em nosso Salvador”. As mitologias aí referidas diziam respeito ao deus

morto e ressuscitado: Átis, Adônis, Gilgamech, Osíris e outros. A morte e ressurreição do deus é associada, em toda parte, à lua, que morre e ressuscita todo mês. São duas noites ou três dias de escuridão; e ali temos Cristo, por duas noites ou três dias, no túmulo. Ninguém sabe exatamente qual a data do nascimento de Jesus, mas adotou-se a data que costumava ser a do solstício de inverno, 25 de dezembro, quando as noites começam a ficar mais curtas e os dias mais longos. Esse é o momento do renascimento da luz. Essa é exatamente a data do nascimento do deus persa da luz, Mitra, Sol, o sol.

MOYERS: O que isso diz a você?

CAMPBELL: Isso me diz que existe uma ideia de morte em relação ao passado, e de nascimento em relação ao futuro, nas nossas vidas e no nosso pensamento: morte da natureza animal e nascimento da natureza espiritual. E disso que falam esses símbolos, de um modo ou de outro.

MOYERS: Então Ísis poderia dizer: “Sou aquela que é a mãe natural de todas as coisas. Senhora e governo de todos os elementos. Chefe dos poderes divinos, rainha de tudo o que está no inferno, dirigente de todos os que habitam os céus. Sozinha e sob uma forma única, sou a manifestação de todos os deuses e deusas”.

CAMPBELL: Essa é uma forma tardia de todo esse tema. Isso está no Asno de ouro, de Apuleio, no século II a.C. O Asno de ouro é uma das primeiras novelas, aliás. Seu protagonista, o herói, graças à luxúria e à magia, foi convertido num asno, e deve enfrentar a prova de aventuras penosas e humilhantes, até conseguir a redenção, através da graça da deusa Isis. Ela surge com uma rosa na mão (símbolo do amor divino e não da luxúria), e, ainda enquanto asno, ele come a rosa e é de novo convertido em homem. Mas agora é mais do que um homem, é um homem iluminado, um santo. Experimentou o segundo nascimento, virginal, não é mesmo? Assim, da mera carnalidade animal é possível passar por uma morte espiritual e retornar, renascido. O segundo nascimento é de uma encarnação excelsa, espiritualmente concebida. E a Deusa é um dos elementos capazes de desencadear

o processo. O segundo nascimento se dá através de uma mãe espiritual. Notre Dame de Paris, Notre Dame de Chartres, a Santa Madre Igreja. Ao entrar e sair de uma igreja renascemos espiritualmente.

MOYERS: Existe aí um poder específico do princípio feminino.

CAMPBELL: Apuleio colocou nesses termos, mas não é sempre, necessariamente, assim. O renascimento também pode dar-se através do masculino. Mas, nesse sistema de símbolos, a mulher se torna o princípio regenerador.

MOYERS: Então, quando o Concílio de Éfeso se reuniu, no ano 431 depois de Cristo, e proclamou que Maria era a Mãe de Deus, essa não foi a primeira vez?

CAMPBELL: Não, na verdade esse argumento já vinha circulando na igreja fazia algum tempo. Mas o local onde essa decisão foi tomada, em Éfeso, era, na época, o maior templo urbano, no Império Romano, da deusa Ártemis, ou Diana. E conta-se que, enquanto o concílio estava reunido, discutindo esse ponto, o povo de Éfeso se aglomerou ao redor do templo e começou a gritar, em reverência a Maria: “A Deusa, a Deusa, certamente ela é a Deusa”. Bem, o que temos, na tradição católica, é a fusão da ideia hebraica, patriarcal, monoteística, do Messias, como o destinado a unir os poderes espiritual e temporal – e da ideia clássica, helenística, do Salvador, como o filho da Grande Deusa, morto e ressuscitado através do nascimento virginal. Há uma quantidade de histórias desses salvadores renascidos. No Oriente Próximo, a divindade que desceu ao campo do tempo era originariamente uma deusa. Jesus assumiu o que é, na verdade, o papel de uma deusa, nisso de descer até nós encarnando a compaixão. Mas quando a Virgem aquiesce em ser o receptáculo da encarnação, ela própria já está tocada pela redenção. Foi se tornando cada vez mais evidente que o sofrimento da Virgem é equivalente ao sofrimento do filho. Creio que, hoje, na Igreja Católica, ela é chamada de “co salvador”.

MOYERS: O que é que isso tudo mostra, em termos da união do masculino com o feminino? Por muito tempo, nas sociedades primitivas, a mulher foi a imagem mitológica dominante. Depois surge essa imagem masculina, agressiva, guerreira, e em seguida retornamos à figura feminina, desempenhando um importante papel na criação e na recriação. Isso diz alguma coisa a respeito do enlevo entre o homem e a mulher?

CAMPBELL: Sim, mas eu prefiro colocar a questão em termos históricos. É interessante observar que essa Deusa Mãe reinou ao longo de todo o vale do Indo Ganges, na Índia. Do mar Egeu ao vale do Indo, ela é a figura dominante. Aí você tem os indo europeus descendo do norte, na direção da Pérsia, Índia, Grécia, Itália, com a sua mitologia de orientação masculina, que vai sendo introduzida ao longo de todo o trajeto. Na Índia, é a tradição védica, na Grécia, a tradição homérica, e, quinhentos anos mais tarde, a Deusa começa a reaparecer. Existe, com efeito, um Upanixade de cerca do século VII a.C. – exatamente a época em que a Deusa está começando a ressurgir também na região do Egeu – em que os deuses védicos estão reunidos e deparam com uma estranha espécie de coisa amorfa, no caminho, um tipo de neblina fumarenta, e perguntam: “O que é isso?” Nenhum deles sabe o que poderia ser. Então, um deles sugere: “Vou descobrir o que é”. Esse, então, se dirige àquela coisa enfumaçada e diz: “Eu sou Agni, o Senhor do Fogo; posso queimar qualquer coisa. Quem é você?”. E do meio da espessa neblina sai voando um pedaço de palha, que cai no chão, e uma voz diz: “Vamos ver você queimar isso”. Agni descobre que não é capaz de fazê-lo. Ele então retorna até onde estão os outros deuses e diz: “Isto sem dúvida é muito estranho!”. “Bem, então”, diz o Senhor do Vento, “deixe me tentar.” Ele vai e a cena se repete. “Eu sou Vayu, Senhor do Vento, posso arrastar qualquer coisa.” Outra vez uma palha é jogada ao chão. “Vamos ver se você pode arrastar isso.” Ele não consegue, e retorna. Então Indra, o maior dos deuses védicos, se aproxima, mas, ao chegar perto, a aparição se desfaz e em seu lugar surge uma mulher, uma bela e misteriosa mulher, que se dirige aos deuses, revelando lhes o mistério que fundamenta a eles próprios. “Este é o supremo mistério de todo o ser”, ela lhes diz, “do qual vocês próprios receberam os seus poderes. E Ele pode pôr em ação os seus poderes ou neutralizá-los, conforme

deseje.” O nome hindu para esse Ser de todos os seres é Brahman, que é uma palavra neutra, nem masculina nem feminina. E o nome hindu para essa mulher é Maya Shakti Devi, “Deusa Doadora da Vida e Mãe de Todas as Formas”. E nesse Upanixade ela aparece como aquela que ensina aos deuses védicos sobre o fundamento e a fonte suprema do seu próprio ser e dos seus próprios poderes.

MOYERS: É a sabedoria feminina.

CAMPBELL: É a mulher como doadora de formas. Ela é quem dá vida às formas e sabe de onde estas provêm. Provêm daquilo que está além do masculino e do feminino; daquilo que está além do ser e do não ser. Aquilo que ao mesmo tempo é e não é. Nem é nem deixa de ser. Está além de todas as categorias da mente e do pensamento.

MOYERS: Há uma bela passagem no Novo Testamento que diz: “Em Jesus não há nem masculino nem feminino”. No sentido supremo das coisas, não há nem um nem outro.

CAMPBELL: Não poderia ser de outro modo. Se Jesus representa a fonte do nosso ser, todos nós somos, de algum modo, pensamentos na mente de Jesus. Ele é também a palavra que se tornou carne, em nós.

MOYERS: Você e eu possuímos características que são ao mesmo tempo masculinas e femininas?

CAMPBELL: O corpo, sim. Não sei nada sobre os dados mais recentes nessa área, mas em algum momento, durante o período fetal, fica evidente que esta criança vai ser menino e aquela, menina. Até que isso se dê, trata-se de um corpo com potencialidades nas duas direções.

MOYERS: Ao longo da vida, estaremos confirmando ou suprimindo um dos lados.

CAMPBELL: Na figura chinesa do yin e do yang, no peixe escuro, ou como quer que você o chame, existe um ponto luminoso, e, no claro, um ponto escuro. E assim que eles se relacionam. Você não poderia se relacionar com alguma coisa da qual, de algum modo, não participasse. Eis por que a ideia de Deus como o Outro Absoluto é uma ideia ridícula. Não poderia haver qualquer relacionamento com o Outro Absoluto.

MOYERS: Nessa transformação espiritual de que você está falando, as mudanças não dependem daquelas características femininas como amamentação, criatividade e colaboração em vez de competição? Isso não está no cerne do princípio feminino de que estamos falando?

CAMPBELL: Bem, a mãe ama a todos os seus filhos – os idiotas, os brilhantes, os travessos, os bonzinhos. Não importa o caráter particular de cada um. Assim, o feminino representa, de certo modo, o amor intrínseco pela progênie. O pai é mais disciplinador. É mais associado à ordem social e ao caráter social. Com efeito, é assim que as coisas funcionam, nas sociedades. A mãe propicia a natureza do indivíduo; o pai, o seu caráter social, a maneira como o indivíduo funciona, você poderia dizer. Por isso, voltar à natureza certamente trará à tona, outra vez, o princípio da mãe. Como é que isso vai conviver com o princípio patriarcal, eu não sei, porque a organização do planeta será uma operação gigantesca, e essa é uma função masculina, de modo que é impossível prever como serão as coisas. Mas a natureza, sem dúvida, está voltando.

MOYERS: E quando dizemos “Preserve a natureza”, estamos falando da nossa própria preservação.

CAMPBELL: Sim. Toda essa esperança de que algo aconteça na sociedade precisa aguardar que algo aconteça na psique humana, um modo inteiramente novo de interação social. E a questão crucial aqui, como eu vejo a coisa, é simplesmente: com que sociedade, com que grupo social você se identifica? Você vai se identificar

com todos os povos do planeta ou com o seu próprio grupo restrito? Esta é, na essência, a questão que estava na mente dos fundadores da nossa nação, quando as gentes dos treze Estados começaram a pensar nelas mesmas como uma nação, embora sem abrir mão dos interesses particulares de cada um dos vários Estados. Por que algo semelhante não pode ocorrer agora mesmo, no mundo todo?

MOYERS: Toda esta nossa conversação – o princípio masculino feminino, o nascimento virginal, o poder espiritual que nos propicia o segundo nascimento – suscita uma dúvida. As pessoas avisadas de todos os tempos têm dito que nossa vida será tanto melhor quanto mais aprendermos a viver espiritualmente. Mas como aprender a viver espiritualmente se somos feitos de carne? Paulo disse: “Os desejos da carne contrariam o espírito, e os desejos do espírito contrariam a carne”. Como aprendermos a viver espiritualmente?

CAMPBELL: Nos tempos antigos, essa era a tarefa do professor. Ele fornecia as chaves para a vida espiritual. Era para isso que servia o sacerdote. Era para isso, também, que servia o ritual. O ritual pode ser definido como a encenação de um mito. Participar de um ritual é, na verdade, ter a experiência de uma vida mitológica. E é a partir dessa experiência que se pode aprender a viver espiritualmente.

MOYERS: As histórias mitológicas apontam efetivamente para o caminho da vida espiritual?

CAMPBELL: Sim, você precisa de uma chave. Você precisa de um guia-mapa de alguma espécie, e eles estão todos aí, à nossa volta. Mas não são todos iguais. Alguns falam apenas dos interesses deste ou daquele grupo fechado, deste ou daquele deus tribal. Outros, especialmente aqueles que se oferecem como revelações da Grande Deusa, mãe do universo e de nós todos, ensinam compaixão por todos os seres vivos. Aí você chega também a avaliar a santidade da terra, em si, porque ela é o corpo da Deusa. Ao criar, Jeová cria o homem a partir da terra, do barro, e sopra vida no corpo já formado. Ele próprio não está ali, presente, nessa forma. Mas a Deusa está ali dentro, assim como continua aqui fora. O corpo de cada

um é feito do corpo dela. Nessas mitologias dá-se o reconhecimento dessa espécie de identidade universal.

MOYERS: Por isso não estou tão seguro de que o futuro da raça e a redenção da jornada estejam no espaço. Acho que devem estar aqui mesmo, na terra, no corpo, no útero do nosso ser.

CAMPBELL: Bem, sem dúvida estão. Ao se lançar no espaço, você carrega o seu corpo e, se este não estiver transformado, o espaço não o transformará. Mas pensar no espaço pode ajudar a tomar consciência de alguma coisa. Há uma página dupla, no atlas, que mostra nossa galáxia no meio de muitas galáxias, e no meio da nossa galáxia, o sistema solar. Aí você tem uma ideia da magnitude desse espaço que nós agora estamos começando a explorar. O que essa página dupla me mostra é a visão de um universo de inimaginável magnitude e inconcebível violência. Bilhões e bilhões de tremendas fornalhas termonucleares dispersando se umas às outras. Cada fornalha termonuclear é uma estrela, e o nosso sol é uma delas. Muitas delas, na verdade, estão se rompendo em pedaços, espalhando pelos mais longínquos rincões do espaço a poeira e o gás a partir dos quais, neste instante, estão nascendo novas estrelas, com planetas girando ao seu redor. E então, de distâncias ainda mais remotas, além dessas estrelas, chegam murmúrios, microondas que são ecos da maior explosão cataclísmica de todas, ou seja, o Big Bang, a grande explosão da criação, que, de acordo com certos cálculos, deve ter ocorrido há cerca de dezoito bilhões de anos. É aí que estamos, meu jovem. E, ao tomar consciência disso, você se dá conta da sua real importância, não é mesmo? Uma minúscula micropartícula no meio dessa grande magnitude. Depois, é preciso viver a experiência de que você e isso tudo são, de algum modo, uma coisa só, e você participa de tudo isso.

MOYERS: E essa experiência começa aqui.

CAMPBELL: Essa experiência começa aqui.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, Arthur. **Qualia e Umwelt**. Ver. Filos., Aurora, Curitiba, jan./jun. 2010, v. 22, n. 30.
- CAMPBELL, Joseph. **O Herói de Mil Faces**. São Paulo: Editora Pensamento, 2007.
- _____. **O Poder do Mito**. São Paulo: Editora Palas Athena, 1990.
- COOPER, John M. **PLATO: complete Works**. Indianápolis/Cambridge: Hackett Publishing Company, 1997.
- DAMPIER, Sir William Cecil. **História da Ciência**. 2.ed., São Paulo: IBRASA, 1986.
- EPSTEIN, Isaac. **Teoria da Informação**. 2.ed., São Paulo: Editora Ática, 1988.
- MATURANA Humberto & VARELA, Francisco. **A Árvore do Conhecimento: as bases biológicas do entendimento humano**. São Paulo: Editorial Psy II, 1995.
- _____. **De Máquinas e Seres Vivos: Autopoiese, a Organização do Vivo**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.
- O PODER DO MITO. Vários diretores. Califórnia (EUA): PBS Productions, 1988, 354 minutos. Idioma original: inglês; legendas: português. Colorido; NTSC; DVD.
- PLATÃO. *Fédon*. São Paulo: Nova Cultural, 1996.
- PONTES, Eunice. **A Metáfora**. São Paulo: Editora da UNICAMP, 1990.
- RAJAGOPALAN, Kanavillil. **Por uma linguística crítica: Linguagem, Identidade e a Questão Ética**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.
- REIS, Abel. **Aproximações ao conceito de metáfora em C. S. Peirce**. UNESP, Cadernos de Semiótica Aplicada, Vol. 4.n.2, dezembro de 2006.
- ROMANINI, Vinicius. **O universo como um signo**. Ver. <http://www.youtube.com/watch?v=pWgsz4Ofy18>, partes I, II, III, IV e V. 2011.
- ROMANINI, Vinicius. **Solenóide da Semiose**. Ver: <http://www.minutesemeiotic.org>. USP, ECA, 2009.
- SANTAELLA, Maria Lúcia. **A Percepção**, 2.ed. São Paulo: EXPERIMENTO, 1998.
- SCHOPENHAUER, Arthur. **A Arte de Escrever**. Porto Alegre: L&PM Pocket, 2009.
- _____. **Da Morte/Metáfísica do Amor/Sufrimento do Mundo**. Trad. Pietro Nasseti. São Paulo: Martin Claret, 2007.